

O Pensamento Vivo de Buda



**“O que somos é a consequência
do que pensamos.”**

Buda



O Pensamento Vivo de

BUDA



AS QUATRO NOBRES VERDADES,

A essência do Budismo está sintetizada nas Quatro Nobres Verdades – Cattari Ariyasaccani – que se acham vinculadas ao ser ou indivíduo, e foram anunciadas por Gautama Buda no seu primeiro sermão diante dos cinco ascetas, seus antigos companheiros em Isipatana (atual Sarnath, perto de Benares).

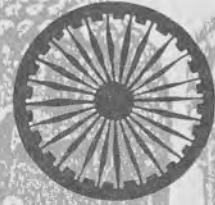
Essas Quatro Nobres Verdades desvendadas por Gautama Buda, através do seu próprio conhecimento intuitivo, não mudam e não podem mudar com o passar do tempo. Elas jamais foram ouvidas antes, e pela primeira vez o Mestra as revelou ao mundo iludido.

As Quatro Nobres Verdades são as seguintes:

- 1.º – A verdade da existência do sofrimento (*Dukkha Satya*).**
- 2.º – A verdade da causa ou origem do sofrimento (*Mamudaya Satya*).**
- 3.º – A verdade da cessação do sofrimento (*Mirodha Satya*).**
- 4.º - O caminho que conduz à extinção do sofrimento (*Magga Satya*).**

(É a Nobre Senda Óctupla, ou Caminho do Meio).

“Por mais que na batalha se vença
um ou mais inimigos, a vitória sobre si mesmo
é a maior de todas as vitórias.”



**BUDA
POR
ELE MESMO**

tos são vosso mestre. Guiar-se por eles é o mesmo que guiar-se por mim.

Vós que guardais os Preceitos, disciplinai vosso corpo, tomai as refeições nas horas certas, vivei em estado de pureza. Não tomeis parte nos negócios mundanos, não recorrais a fórmulas mágicas, não fabriqueis elixires miraculosos, não vos aproximeis de nobres e não tomeis atitudes para com outrem condicionadas por sua riqueza ou pobreza.

O

último
sermão de
Buda.

Horas antes de sua morte, deitado no meio do bosque de Kusinara, Buda dirigiu a palavra aos seus discípulos, que o rodeavam:

“O discípulos! Após minha morte, deveis vos guiar pelos Preceitos. Eles devem ser como a luz no meio das trevas, como um tesouro encontrado por um pobre. Isso porque os Precei-

Guardai uma mente correta, tende pensamentos corretos e sede comedidos. Não recorrais a prodígios para seduzir as pessoas. Quando receberdes presentes, observai sempre o comedimento.

Os Preceitos são a fonte da libertação. Dos Preceitos saem os diversos estados de meditação e a sabedo-

1. Os preceitos fundamentais do budismo são: não matar, não tomar nada que não seja dado voluntariamente por outrem, não se entregar a prazeres proibidos, não dizer nada de falso e não dizer a verdade em ocasiões inoportunas, não se intoxicar com bebidas ou entorpecentes.

ria que leva à cessação do sofrimento.

Por isso, ó monges, guardai os Preceitos e esforçai-vos por jamais os violar. Se conseguirdes guardá-los bem, disso resultará a Boa Lei. Se não conseguirdes guardá-los bem, não aparecerão os méritos decorrentes da prática das boas ações. Por isso, deveis compreender que nos Preceitos está a Suprema Tranqüilidade e o Supremo Mérito.

Ó monges, vós permanecis na prática dos Preceitos. Por isso, deveis disciplinar vossos cinco sentidos, jamais permitindo o surgimento dos cinco desejos (desejo de se alimentar, de dormir, desejo sexual, desejo de obter fortuna e desejo de conseguir honrarias e fama).

Assim como um pastor domina o rebanho com seu cajado, não permitindo que os animais invadam as plantações, deveis guardar a máxima vigilância. Abandonar os cinco sentidos ao sabor de seus caprichos é como deixar um cavalo indômito sem rédeas. Tal cavalo arrasta as pessoas e as derruba

dentro de buracos. O prejuízo causado por um cavalo indômito atinge apenas o presente, mas o causado pelos cinco sentidos atinge inclusive o futuro. Por isso, deveis evitá-lo. O sábio vigia seus cinco sentidos como o ladrão: jamais se descuida deles. Mesmo que se descuide por um instante, logo readquire o controle.

A mente é senhora dos cinco sentidos. Por isso, deveis disciplinar vossa mente. A mente é mais perigosa que uma cobra venenosa, uma fera ou um salteador. É como uma pessoa que, entretida com o mel que transporta em suas mãos, não enxerga um buraco e cai nele. Se deixardes vossa mente entregue a si mesma, perdereis as boas coisas. Se a vigiardes, tudo correrá bem. Por isso, ó monges, deveis vos esforçar e dominar a vossa mente.

Ó monges, deveis tomar vossas refeições como se elas fossem remédios. Quer quando comeis coisas deliciosas, quer quando comeis coisas desagradáveis, jamais deveis sair da proporção certa. Comei o suficiente para vos manterdes.

Recebendo dádivas alheias, tomai apenas um mímino para eliminar vossas dificuldades. Não desejeis demasiado, a fim de não romper a boa disposição de vossas mentes.

Ó monges, ainda que alguém vos fira, sede pacientes, não tenhais cólera nem ódio. Guardai vossa boca para não proferir palavras ferinas. Abandonar a cólera ao sabor dos caprichos prejudica o trilhamento do Caminho e destrói os méritos. Imensa é a virtude da paciência, muito superior à da observância dos Preceitos. Aquele que bem pratica a paciência merece ser chamado um forte, aquele que se alegra com os venenos do cavalo indômito e não sabe praticar a paciência como quem bebe néctar, não pode ser considerado um detentor da Sabedoria dos Praticantes do Caminho.

Os prejuízos causados pela cólera destróem as boas leis. São prejuízos maiores que os causados por um incêndio devastador. Nem os ladrões que nos roubam os méritos são tão terríveis como

a cólera. Os próprios leigos devem se abster da cólera. Com muito mais razão, portanto, os monges, aqueles que não têm desejos, deverão se abster da cólera.

Ó monges, quando em vós se manifestar o orgulho, este deverá ser imediatamente extirpado. Nem sequer os fiéis leigos deverão deixar que o orgulho se desenvolva. Com muito mais razão, portanto, os monges, aqueles que entraram no Caminho, que se humilham e andam pedindo esmolas para obter a Liberação, deverão se abster do orgulho.

Ó monges, a lisonja está fora do Caminho, por isso deveis ser sempre sinceros.

Ó monges, aquele que tem muitos desejos busca muitas vantagens e, por isso, tem muitos sofrimentos. Aquele que tem poucos desejos nada busca e, por isso, não tem preocupações. Por esse motivo, aquele que tem poucos desejos atinge o Nirvana.

Ó monges, se desejais a libertação do sofrimen-

to, deveis aprender a vos contentardes com o razoável. Aquele que sabe se contentar com o razoável se sente bem, mesmo que tenha de se deitar sobre a terra. Entretanto, aquele que não sabe se contentar com o razoável, mesmo nos mundos celestes permanecerá insatisfeito. Por isso, aquele que sabe se contentar com o razoável é rico, mesmo sendo pobre, ao passo que aquele que não sabe se contentar com o razoável é pobre, mesmo sendo rico.

Ó monges, se quiserdes procurar a calma, o desprendimento e a paz, deveis abandonar os lugares cheios de gente e viver isolados.

Ó monges, se vos esforçardes, nada será difícil. Por isso, deveis esforçar-vos. Mesmo uma pequena correnteza d'água acaba gastando uma rocha.

Ó monges, se desejais a sabedoria e a boa ajuda, deveis ter uma intenção inquebrantável, pois ela afasta as paixões e ilusões. Por isso, deveis manter inquebrantáveis as vossas intenções. Ca-

so fraquejardes em vossas intenções, perdereis vossos méritos. Aquele que tem intenções firmes não é prejudicado, mesmo estando no meio desses salteadores que são os desejos. É como um guerreiro coberto por uma armadura que nada tem a temer no campo de batalha.

Ó monges, todo aquele que tem uma intenção firme conserva sua mente em estado de concentração. Por isso, ele sabe os *darmas* do nascimento e da dissolução do mundo. Por isso, deveis vos esforçar e praticar as diversas concentrações. Aquele que consegue praticar a concentração não tem uma mente dispersiva. É como aquele que economiza água e a guarda com cuidado. O praticante exercita-se na concentração a fim de bem guardar a água da Sabedoria.

Ó monges, se tiverdes a Sabedoria, não tereis apego. Examinai bem todas as coisas. Dentro de minha Lei, obttereis a Libertação. Quem não tiver a Sabedoria, não poderá ser considerado um realizador do Caminho, nem mesmo um fiel leigo. A



Sabedoria é um navio seguro para a travessia do oceano da velhice, da doença e da morte. É uma luz no meio das trevas, é um elixir que cura todas as doenças, é um machado que corta as árvores das paixões. Por isso, deveis vos esforçar para a obtenção do desenvolvimento da Sabedoria.

Ó monges, deveis evitar as estéreis discussões teóricas, pois elas só trazem perturbações à mente. Mesmo os monges não lograrão alcançar a Libertaçāo, se se entregarem a elas. Por isso, deveis evitar as estéreis discussões teóricas. Caso desejeis alcançar as alegrias do Nirvana, deveis afastar as estéreis discussões teóricas.

Ó monges, deveis vos afastar de toda negligência, como aquele que se afasta dos salteadores. Eu ensino a Lei como o médico que reconhece a doença e recomenda um remédio. O fato de o doente tomar ou deixar de tomar o remédio já não depende do médico. Também sou como aquele que ensina um caminho às pessoas. Se houver pessoas que, embora ou-

vindo os ensinamentos, não seguirem o caminho, a culpa não é daquele que o ensinou.

Ó monges, não vos entristeçais. Ainda que permanecesse no mundo durante milhares de anos, isso não me livraria da morte. Nada do que se reúne escapa à separação. Já foram ensinados todos os *darmas* que trazem proveito a quem os pratica e todos os que trazem proveito a outrem. Ainda que eu permane-

"Essas são as três paixões mais graves: sede de amor, apego à existência, cegueira da ignorância".



cesse vivo, nada mais teria que fazer. Todas as pessoas que eu devia ensinar já foram ensinadas. Quanto às que eu ainda não ensinei, já criei condições para que elas sejam ensinadas. Se vós, meus discípulos, persistirdes na prática da Lei após minha morte, meu corpo de Lei continuará eternamente vivo.

Deveis saber que, no mundo, nada existe de permanente. Tudo o que se reúne está sujeito à separação. Não vos entristeçais, pois assim é o mundo. Esforçai-vos por obter a Libertação. Eliminai as trevas da ignorância com a luz da Sabedoria. O mundo é algo perigoso e incerto, sem nada de estável. Eu agora alcançarei a extinção como aquele que se livra de uma moléstia maléfica. Vou deitar fora o pior dos males, aquilo que se chama corpo e se encontra mergulhado no oceano da doença, da velhice e da morte. O sábio que destrói isso é semelhante àquele que mata um salteador. Essa destruição deve ser motivo de alegria.

E s f o r ç a i - v o s
sem cessar na prática que leva

*"Quem, pelo caminho
que traçou
a si mesmo,
dissipou suas
dúvidas, é um sábio".*



à Libertação. Todas as leis imutáveis e mutáveis deste mundo são isentas de garantia de estabilidade.

Permaneци em silêncio. O tempo passa, e é chegada a hora de eu me extinguir. Esse foi meu último ensinamento."

Transcrito de *Textos budistas e zen-budistas* de Ricardo Mário Gonçalves. S.P. Cultrix, 1976, págs. 53 a 57.



BIOGRAFIA

de sua vida no século VI a.C., na Índia. A essas se juntam mais duas, de suas vidas posteriores, do século VI até hoje. A primeira diz que ele desapareceu, extinguindo-se no Nirvana; a outra afirma que ele continua existindo.

O segundo tipo de relato é aquele que os historiadores penosamente redigiram, na tentativa de procurar organizar cronologicamente os fatos mais importantes da vida de Buda. É com esse enfoque que vamos expor sumariamente alguns de seus aspectos.

Nenhuma biografia de Buda foi escrita antes de se passarem algumas centenas de anos de sua morte; em consequência, sua figura e sua vida compõem um misto de história e de lenda.

Existe uma embarracosa abundância de relatos a esse respeito: alguns são aqueles que a tradição budista nos transmitiu — constam basicamente de biografias de suas quinhentas e setenta e quatro encarnações anteriores e uma

Siddhartha Gautama, o Buda, nasceu no século VI a.C. (provavelmente em 556 a.C.), em Kapilavastu, no sopé do Himalaia, em território do atual Nepal. Era filho do rei Suddhodana, que governava o reino dos cakyas, e sua mãe era a rainha Maya, que faleceu logo após seu nascimento e foi substituída por sua irmã Mahapradjapati.

Logo que nasceu, Siddhartha foi levado a um templo onde os sacerdotes identificaram em seu corpo os

trinta e dois grandes sinais e os oitenta pequenos sinais que o predestinavam a ser um grande homem. Um sábio de então profetizou que ele seria um poderoso imperador e um asceta que libertaria a humanaidade dos sofrimentos.

S u d d h o d a n a , impressionado com a profecia, criou o filho numa área confinada do palácio, de maneira a que ficasse alheio às misérias do mundo.

Aos dezesseis anos, casa-se com uma prima, Yasodhara, e passa a vida da corte, na qualidade de rajá, bastante distanciado do convívio e dos problemas por que passava a população de seu país.

Dez anos depois, nasce Rahula, seu único filho. É nessa época, em torno dos trinta anos, que os deuses acham que Siddhartha deveria "sair" e empreender a missão para a qual se preparara durante tantos nascimentos anteriores. Ao longo de quatro célebres passeios sucessivos, quando atravessa a cidade para se dirigir ao parque de diversões, seus olhos se detêm

na figura impressionante de um velho, trêmulo, enrugado e usando uma bengala. Assustado, pergunta ao seu cocheiro: "O que é isso?" Ao que, este responde: "Isso é a vida, meu senhor. É o que acontece a todos os homens".

E a mesma coisa diz quando Siddhartha se impressiona com a figura de um doente e um cadáver, que encontram no caminho.

Dessa forma, conhece simultaneamente a dor, a morte e o tempo que tudo consome — e sofre um grande abalo ao constatar que o homem está invariavelmente sujeito a todas essas misérias.

No seu quarto passeio, encontra-se com um monge mendicante, de uma magreza espantosa, vestido com farrapos e apenas com uma ti-gela de esmolas na mão. No entanto, possuía o olhar sereno de um vencedor. Era um monge asceta, um homem que vencera a dor, a morte, e a angústia, em busca do Atman (o Eu).

É na serenidade desse monge que ele percebe que

existe uma saída que conduz à libertação de todo sofrimento humano.

Decide então que é chegado o momento de partir para a descoberta da verdade da existência, do segredo da imortalidade e da paz.

Regressando ao palácio, informa ao pai sua disposição. Nessa mesma noite, após ter se despedido silenciosamente de sua mulher e de seu filho, parte a cavalo acompanhado de seu fiel cocheiro em direção aos bosques.

É o momento da Grande Partida. Ao penetrar na densa floresta, dispensa cavalo e cocheiro, despoja-se da vestimenta real e parte só, como um religioso mendicante em direção a um grupo de ermitas brâmanes em busca da certeza e do absoluto que dêem um sentido à vida.

Torna-se então discípulo dos ascetas Alara Kalamá e Uddaka Ramaputta, exercitando-se nas diversas práticas da ioga. Mas tais práticas não o satisfazem. Passa

"O Eu é o mestre do eu; que outro mestre poderia existir?"



então seis anos vivendo no mais puro ascetismo, entregando-se a jejuns e penitências mortificadores. A lenda conta que, nessa época, ele se alimentava com apenas um grão de arroz por dia.

Ao fim desse período, já totalmente esquelético, no limite de suas forças e não conseguindo mais raciocinar com coerência, comprehende que o enfraquecimento do corpo e das faculdades espirituais

não o conduziria ao Despertar (*bodhi*) e que a tortura em si mesma é vã e sem saída. A vida de privações não valia mais do que a vida de prazeres que tinha levado anteriormente.

Resolve então renunciar ao ascetismo e volta a se alimentar de forma equilibrada. Os cinco discípulos que o haviam seguido até a cidade de Bodh Gaya o abandonam, escandalizados.

Procurando então seguir o próprio caminho, sem a orientação de nenhum poder sobrenatural, confiando apenas no seu próprio esforço e em sua intuição, aprimora o processo de percepção e passa a ver as coisas como elas realmente são. Dessa forma, atinge a compreensão da verdade, da natureza da vida e do karma que a rege.

Aos trinta e cinco anos, sentado sob uma figueira (a árvore da Sabedoria), e após ter vencido Mara, o demônio das ilusões, cai em profunda meditação — é o momento em que ocorre a “Iluminação”.

Pela primeira vez então, reconhece no mal a causa de todos os sofrimentos e vislumbra os meios pelos quais poderia conseguir triunfar sobre ele.

Desse momento em diante, passará a ser um Buda*.

Tendo assim atingido o fim tão desejado, Buda passa então a ensinar, começando inicialmente pelo *dharma*, isto é, o caminho que conduz à libertação de todo sofrimento terrestre.

Seu primeiro sermão é proferido perante aqueles cinco ascetas que o haviam abandonado. Esse sermão é conhecido como o “Sermão de Benares” ou “O Caminho do

* Os textos designam o Buda (o Desperto, o Iluminado) sob os nomes mais diversos: além de seu nome verdadeiro — Siddhartha (Aquele que Atinge o Objetivo) e Gautama (O mais Vitorioso Sobre a Terra), encontramos também Çakyamuni (O Sábio Saído dos Çakyas), Bhagavat (Aquele que Pos-sui a Felicidade, o Bem-Aventurado), Tathagata (Aquele que Chegou, O Perfeito) e Jina (O Vitorioso).



Meio", que foi por ele explicado da seguinte forma:

— Há dois extremos, ó monges, que devem ser evitados por aqueles que renunciaram ao mundo.

— Quais são eles?

— Um é a vida de prazeres, consagrada aos prazeres e à concupiscência, especialmente à sensualidade; essa vida é ignóbil, aviltante e estéril. O outro extremo é a prática habitual do ascetismo, infligindo ao corpo uma vida de cruéis austeridades e penitências rigorosas, automortificações que são penosas, tristes, dolorosas e estéreis.

Há uma vida média que é a perfeição, ó monges, que evita esses dois extremos, isto é, levar uma vida humana normal, porém refreando todas as tendências egoístas e todos os desejos que perturbam nossa mente; é o caminho que abre os olhos e dá compreensão, que leva à paz, à sabedoria e à plena iluminação, ao Nirvana."

Esse primeiro sermão foi como pôr em movi-

mento a "Roda da Retidão" (ou "Roda da Vida"). Os cinco homens logo percebem a verdade do *darma* e deixam-se instruir pelo Buda. Esses discípulos iriam, a partir de então, percorrer toda a Índia pregando e difundindo o budismo.

Partindo de Benares, Buda dirige-se a Uruvela, onde vive algum tempo na escola dos brâmanes adoradores do fogo e onde realiza dois milagres memoráveis: o primeiro, ao vencer e domar a Serpente Furiosa que vivia no Templo do Fogo; e o segundo ao conseguir reacender o fogo dos brâmanes, utilizando-se apenas de suas faculdades sobrenaturais. Em consequência, o mestre dessa escola, juntamente com seus quinhentos discípulos, resolvem caminhar ao lado de Buda.

A peregrinação continua pelas aldeias da região, e o número de discípulos vai aumentando cada vez mais. É a ocasião em que profere o célebre sermão sobre o fogo: "Todas as sensações e todos os órgãos sensíveis estão em fogo". Alguns tempo depois,

num outro sermão, perante o rei Bambisara de Magadha, resumiria a essência de sua doutrina numa frase bastante simples, a que chamaria de "A Lei Eterna":

"De tudo que teve
uma origem causal,
Aquele que achou a
Verdade mostrou
a causa
E de todas essas
coisas, o Grande
Asceta igualmente
explicou
a cessação."

Em outras palavras, isso significa o mesmo que "tudo que teve um início também deve ter um fim".

Durante uma dessas viagens, Buda retorna à sua cidade natal, Kapilavastu, seguido de um grande número de adeptos mendicantes. Ali se encontra com sua esposa, que já se tornara adepta da nova seita, e com seu filho Rahula, que era o novo herdeiro do trono, visto o fato de Siddhartha ter renunciado ao cargo.

Mas, ao invés de Buda transferir ao filho a he-

"Eu vos libero da velhice, da morte e de toda dor".



rança do reino, acaba por ordená-lo monge de sua seita, conseguindo com isso um discípulo que seria um dos mais importantes para a difusão do budismo.

Os quarenta anos que se seguem à "Iluminação" são marcados pelo incansável apostolado de Buda e pelas intermináveis peregrinações de seus discípulos, que vão se espalhando pelas diversas regiões da Índia.

"Eu digo que o Nirvana é a destruição da velhice e da morte".



Quando completa oitenta anos, Buda percebe que seu fim está próximo. Ananda, seu mais fiel discípulo, pergunta-lhe então que instruções deixaria aos monges mendicantes para que prosseguissem na difusão do pensamento do Mestre. E ele responde:

"Por que deixarei eu instruções concernentes à comunidade? Aquele que encontrou a Verdade pregou a

Lei plenamente, sem nada dissimular".

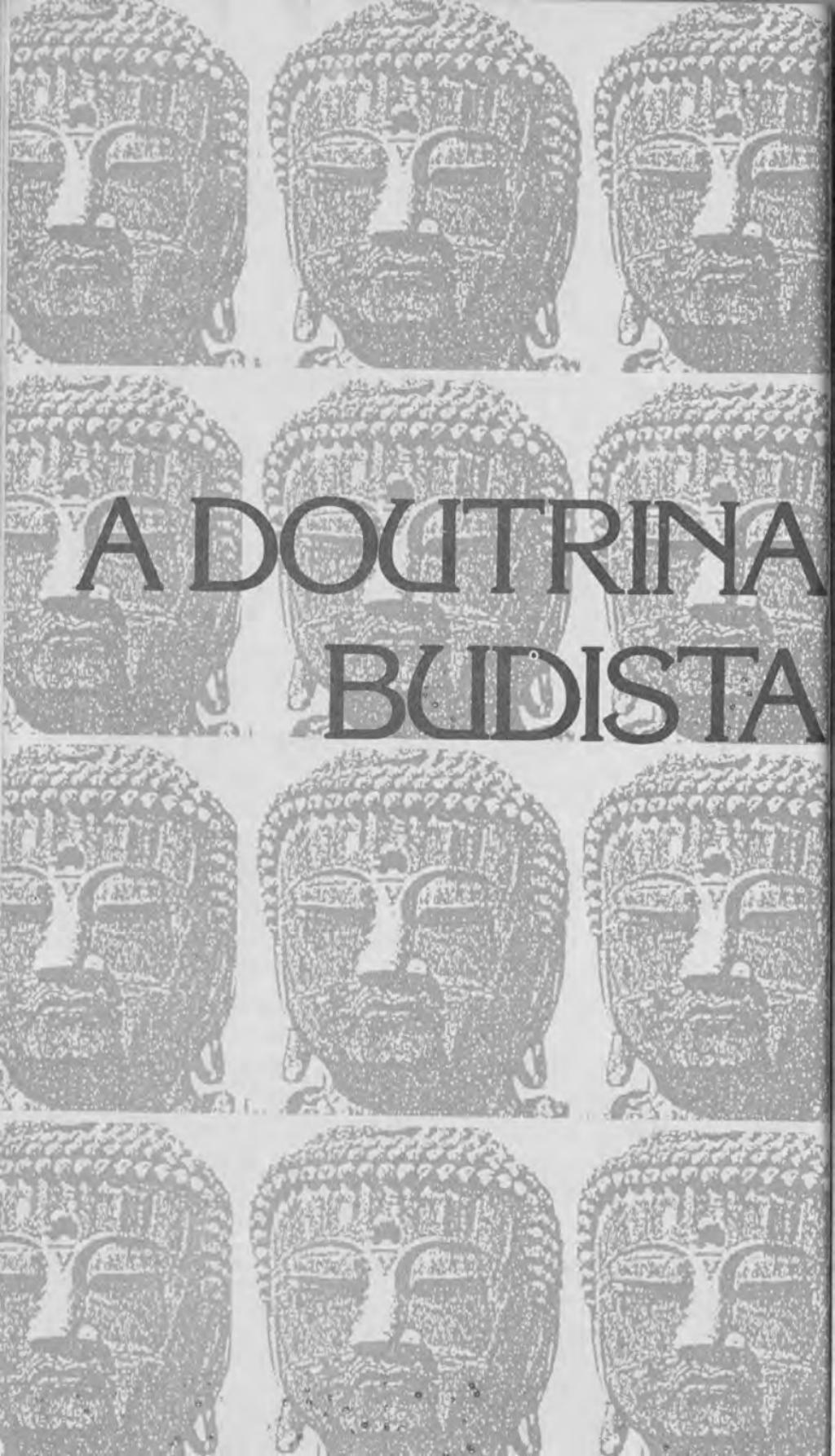
"Nada mais resta senão praticar, contemplar e propagar a Verdade por piedade do mundo, e para o maior bem dos homens e dos deuses. Os mendicantes não devem contar com qualquer apoio exterior, devem tomar o Eu por refúgio, a Lei Eterna como refúgio... e é por isso que eu vos deixo, parto, tendo encontrado refúgio no Eu."

Foi em Kusinara, no bosque de Mallas, que veio a falecer. Seu corpo foi cremado sete dias mais tarde, e suas cinzas foram divididas em dez partes e dadas aos rajás, em cujas terras ele vivera e morrerá.

"Todas as coisas compostas estão sujeitas à corrupção. Lutai pelo vosso ideal com sobriedade."

Essas foram as últimas palavras daquele que encontrara a Verdade e que, depois de tantas existências de meditação e ascese, conseguira finalmente atingir o último degrau na escala da perfeição, o Nirvana.





A DOUTRINA BUDISTA

1) *Vinaya Pitaka* — relativo à disciplina de ordem (*Sangha*)

2) *Sutta Pitaka* — sobre as regras a serem seguidas pelos sacerdotes e ascetas.

3) *Abidhamma* — contém instruções sobre a forma de meditação. (*Dhyana*), dissertações filosóficas e metafísicas.

No budismo, é o homem quem traça a rota de seu próprio caminho. Não há deuses a adorar nem preces e sacrifícios a realizar. De certa forma, é uma reação contra os princípios das religiões que imperavam na Índia nessa época, sobretudo do bramanismo, que privilegiava a classe sacerdotal, a dos brâmanes, em detrimento das demais.

Segundo o bramanismo, as oferendas e os hinos em louvor às diversas formas do deus Brahma deviam ser realizadas através de complicados cerimoniais, cujo conhecimento estava restrito à classe sacerdotal. Dessa forma, os brâmanes acabam se distinguindo como uma casta superior, eleita para estabelecer a

Buda não deixou nada escrito. Seus ensinamentos foram meramente verbais e ficaram na memória de seus discípulos, que os foram transmitindo oralmente, quer por repetição, quer por recitação, nos diversos mosteiros da Índia.

Só muito tempo mais tarde (século IV a.C.) é que vêm a ser transcritos sob forma de tratados, mais conhecidos como cânones budistas (*Tripitakas*). São em número de três:

"A indulgência é a austeridade por excelência; a paciência é o Nirvana por excelência".



comunicação entre o homem comum e os deuses.

O budismo vem se opor a esse tipo de procedimento. Nele não há distinção entre castas e nem hierarquias internas (clericato). Nele, a salvação está ao alcance de todos, pois depende somente do esforço de cada um. Assim, o homem se torna seu próprio mestre, sem inspirações divinas ou poderes sobrenaturais — e pode atingir a Verdade.

Através do refúgio interior e do autodesenvolvimento, é possível se libertar da escravidão, da ignorância e de todo sofrimento, e chegar ao Nirvana.

Dessa forma, o maior esforço se concentra na consecução de uma vida correta: não se pode matar nenhuma criatura viva (o que leva ao vegetarianismo), não se pode tomar nada a não ser aquilo que foi dado, é proibido o adultério, a mentira, a ingestão de bebidas intoxicantes, e não se pode possuir nada em ouro ou prata.

Além disso, o budismo prega o renascimento, a transmigração da alma (Samsara), a crença de que depois da morte a alma retorna à Terra em outro corpo. Assim, os esforços realizados em uma vida em direção à perfeição são herdados pela próxima existência, que pela lei do Karma acaba conduzindo o indivíduo cada vez mais perto do fim das reencarnações, onde então se atinge o verdadeiro conhecimento, a ausência dos desejos, o Nirvana.

No primeiro sermão de Buda, em Benares, são enunciadas as Quatro Nobres Verdades e o Caminho dos Oito Passos, que constitui a essência do ensinamento budista:

1 — A dor é universal; ninguém pode livrar-se dela, desde o nascimento até a morte.

2 — A causa da dor é o desejo, que induz a renascer e a continuar a desejar e a sofrer.

3 — A libertação da dor é obtida através da supressão do desejo e da ausência de paixões de todo gênero.

4 — Pode-se conseguir esse resultado somente procurando o Caminho Santo que se ramifica em oito direções: a da justa fé, a da justa conduta, a da justa aspiração, a da justa conversação, a do justo modo de vida, a do justo esforço, a da justa recordação e a da justa meditação.

O budismo, apesar da rápida expansão atingida, sofreu forte oposição em seus primeiros tempos, sobretudo

"O "eu" é a morte;
a Verdade é a vida".



da parte dos brâmanes, pelo fato de negar a estrutura de castas da sociedade.

Nessa época, a Índia passava também por um período de grande prosperidade cultural e econômica, sobretudo devido à expansão do comércio. As castas inferiores, enriquecidas, começam a fazer pressão para que o sistema de hierarquia social existente seja abolido. E o budismo aparece como o caminho para se atingir esse fim, sobretudo depois que o imperador budista Açoka (280 a.C.) viu na religião o meio para manter a unidade de seu império.

Fora da Índia, o budismo atingiu grande difusão,

mas à custa de transformações, adaptações locais às crenças existentes nos diversos países em que se implantou. De todas as ramificações existentes, podemos distinguir três grandes correntes, chamadas de "os três veículos":

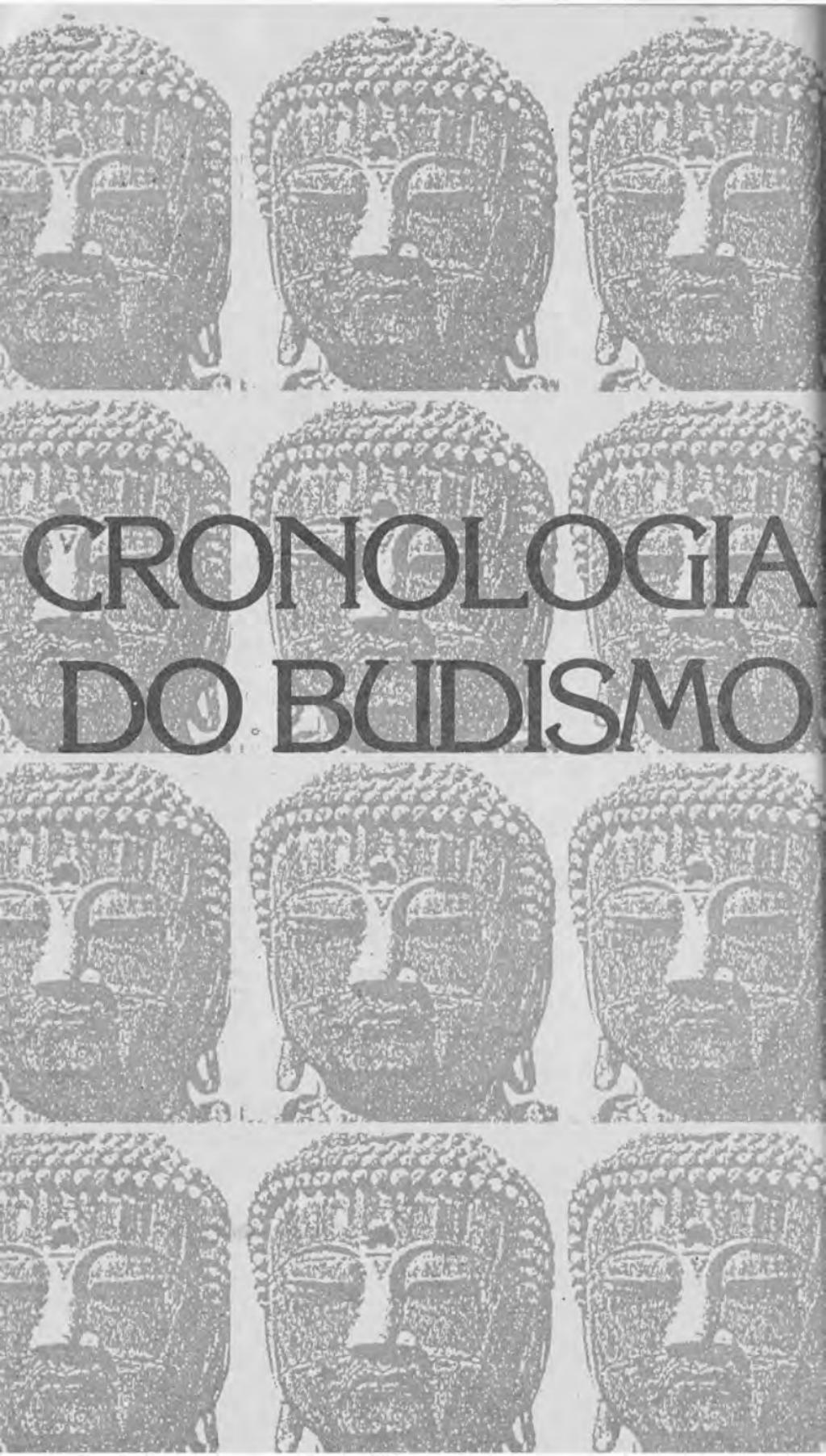
a) o Pequeno Veículo (*Hinayana*) — que se restringiu aos ensinamentos originários do Buda, não admitindo adaptações. Foi a linha mais ortodoxa que se difundiu primordialmente no Ceilão, Birmânia, Tailândia e Indonésia.

b) o Grande Veículo (*Mahayana*) — que procura dar interpretações filosóficas mais aprofundadas aos ensinamentos de Buda, procurando realçar o aspecto social. Impôs-se sobretudo na China, Coréia e Japão, onde se misturou ao xintoísmo local e de onde se originou o zen-budismo.

c) o Veículo Tântrico (*Vajrayana*) — que se utiliza de processos mágicos e de força divina para se chegar à Iluminação. Implantou-se principalmente nas regiões do Tibete e da Mongólia.







CRONOLOGIA DO BUDISMO

malaia, em território do atual Nepal.

540 a.C.

Casa-se com sua prima Yasodhara.

527 a.C.

Nascimento de Rahula, seu único filho e posterior discípulo.

A “Grande Partida” — Siddhartha abandona a mulher e o filho e parte em busca da verdade e da paz.

Os povos da Índia nunca demonstraram grande interesse em relação à datação correta dos fatos históricos. Por essa razão, os dados cronológicos que se seguem são aproximativos.

556 a.C.

Nascimento do príncipe Siddhartha Gautama, filho único do rei Suddhodana e de sua esposa Maha Maya, em Kapilavastu, no sopé do Hi-

526/521 a.C.

Viaja pelo vale do Ganges, buscando o conhecimento através da meditação iogue e do ascetismo, inspirado nos mestres Alara Kalama e Uddaka Ramaputta.



521 a.C.

Renuncia ao ascetismo.

Ocorre a "Iluminação". Profere o seu primeiro sermão, em Benares, para cinco discípulos, onde prega a filosofia do "Caminho do Meio".

521/475 a.C.

Viaja pela Índia, ensinando o "Caminho" a todas as classes de homens e mulheres, reis, camponeses, brâmanes e sudras, não estabelecendo distinções entre eles.

476 a.C.

Morre aos oitenta anos em Kusinara (atualmente Uttar Pradesh) não deixando nenhum sucessor, mas exortando os discípulos a seguirem o caminho de sua filosofia, conhecido por *dhamma*, em pali, ou *dharma*, em sânscrito.

Siddharta era sempre o vencedor: tanto no arco e flecha, quanto nas leituras e recitações de textos.
(pintura chinesa, sobre seda)

473 a.C.

Primeiro concílio budista,
em Rajagriha.

363 a.C.

Segundo concílio, em Vai-
çali.

274 a.C.

Início do reinado de Açoka,
o grande imperador indiano
que mais contribuiu para a ex-
pansão do budismo.

245 a.C.

Terceiro concílio, em Pata-
liputra, onde se estabelece o
cânone definitivo do budismo,
conhecido por *Triptaka*.

70 a.C.

Quarto concílio — nasci-
mento do “Grande Vésculo”.

*“Minha doutrina
é pura e não
faz distinção
alguma entre o nobre
e o vulgar, o rico
e o pobre”.*



que inspiraria a linha do bu-
dismo *mahayana*.

25/60 d.C.

O budismo se espalha por
toda a China.



78/103

Kanishka protege o budismo ao norte da península.

220

Expansão do budismo no Vietnam.

372/390

O budismo se difunde na Coréia e na China.

420/452

Condenação do budismo pelos to-pa-Tao.

Extensão do budismo Hinayana na Birmânia, Java e Sumatra.

498/561

Bodhidharma funda o budismo chinês.

42

Difusão da doutrina no Japão.

610

O budismo se torna a religião oficial do Japão.

650

Fundação do primeiro templo budista no Tibete.

670/749

Gyorgi funda no Japão um sincrétismo budo-xintoísta.

Difusão da seita no Sião (Tailândia).

900

Perseguições. O budismo é suplantado pelo islamismo na região da Ásia central.

1270/1370

Kubilai Khan defende a expansão do budismo na China.

O Laos e o Sião são inteiramente convertidos.

1390/1410

Declínio do budismo na Coréia. Perseguição em Annam.

Tsong Ka pa, reformador do budismo tibetano, funda a seita dos Gelong pa.

1480

O budismo é substituído pelo induísmo e pelo islamismo nas regiões de Java e Sumatra, respectivamente.

1610

Declínio do budismo no Japão.

Siddharta se conscientiza da futilidade da vida principesca que levava até então.
(pintura chinesa)



1769

O xintoísmo se torna a religião oficial no Japão.

Adesão do Nepal ao hinduísmo.

1871

Quinto concílio budista em Mandalai (Birmânia). Os textos dos ensinamentos são gravados em setecentas e vinte e nove placas de mármore.

1890

Renascimento do budismo no Japão.

1909

Tai-Hsu faz reviver o budismo chinês.

1954

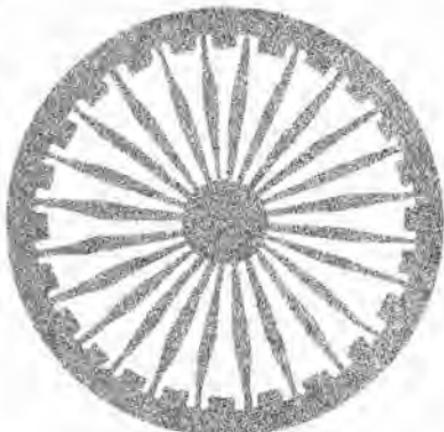
Sexto concílio em Rangum, Birmânia.

1956

Comemoração do 2500º aniversário de Buda (23/5/56) — busca de uma cooperação religiosa entre os países budistas e a organização de uma nova propagação da doutrina de Buda na Índia.

1959

Esmagamento da revolta nacional tibetana. O dalailama foge para a Índia.





PENSAMIENTOS



Apegai-vos fortemente à Verdade. Que ela seja vossa bandeira e vosso refúgio. Aqueles que forem eles próprios sua bandeira e seu refúgio, que não se confiarem a nenhum refúgio exterior a eles, que, apegados à Verdade, a tenham como bandeira e refúgio, atingirão a meta suprema.

(4,46)

2

Não acrediteis numa coisa apenas por ouvir dizer. Não acrediteis na fé das tradições só porque foram transmitidas por longas gerações. Não acrediteis numa coisa só porque é dita e repetida por muita gente. Não acrediteis numa coisa só pelo testemunho de um sábio antigo. Não acrediteis numa coisa só porque as probabilidades a favorecem ou porque um longo hábito vos leva a tê-la por verdadeira. Não acrediteis no que imaginastes, pensando que um ser superior a revelou. Não acrediteis em coisa alguma apenas pela autoridade dos mais velhos ou dos vossos instrutores. Mas,

1

Sede vós mesmos vossa própria bandeira e vosso próprio refúgio. Não vos confieis a nenhum refúgio exterior a vós.

aquilo que por vós mesmos experimentastes, provastes e reconhecestes verdadeiro, aquilo que corresponde ao vosso bem e ao bem dos outros — isso deveis aceitar, e por isso moldar a vossa conduta.

(1,35)

3

Só há um caminho que conduz à purificação dos seres, à extinção do sofrimento e da tristeza, à destruição dos males físicos e morais, à aquisição da conduta reta, à realização do Nirvana. Este caminho é o dos Quatro Fundamentos do Estabelecimento da Atenção (Vigilância).

Primeiro, observando o corpo, o discípulo permanece enérgico, claramente consciente, compreensivo, atento, vencendo os desejos e as contrariedades do mundo; segundo, observando as sensações; terceiro, observando a mente; quarto, observando os diferentes assuntos da Doutrina, ele se torna enérgico, compreen-

sivo, atento, afastando os desejos e as contrariedades desse mundo.

(10,124)

4

O Eu é o mestre do eu. Que outro mestre poderia existir*?

(1,36)

5

A riqueza é o objetivo do nobre, a sabedoria, sua ambição, o poder, sua resolução, a terra, sua necessidade, a dominação, seu êxito. O objetivo do brâmane é a riqueza, a sabedoria, sua ambição, a recitação dos mantras, sua resolução, os sacrifícios, sua necessidade, o mundo de Brahma, seu êxito. O objetivo do chefe de família é a riqueza; a sabedoria é sua ambição, um ofício, sua resolução, o trabalho,

* A filosofia hindu divide o ser humano em um Eu Superior (*Atman*), que é imortal, espiritual e eterno, e o Eu Interior (*Aham*) que é mortal, material e transitório.

sua necessidade, o trabalho. perfeito, seu êxito. O fim da mulher é o homem, o ornamento, sua ambição, um filho seu, a resolução, a ausência de qualquer rival, sua necessidade, o domínio, seu êxito. O fim do ladrão é o saque, o roubo, sua ambição, uma caravana, sua resolução, as trevas, sua necessidade, não ser visto, o seu êxito. O fim do eremita é a paciência e o perdão; a sabedoria, sua ambição, o hábito moral, sua resolução, o aniquilamento, sua necessidade, o Nirvana, seu êxito.

(3,143)

6

"Tudo existe" é um dos extremos.

"Nada existe" é o outro extremo.

Devemos sempre nos manter afastados desses dois extremos, e seguir o Caminho do Meio.

(10,161)

*"O que somos
é a consequência
do que pensamos".*



7

Há quatro portas pelas quais se escoa a riqueza acumulada: viciar-se em mulheres, viciar-se na bebida, viciar-se no jogo, possuir maus amigos, maus colegas e maus companheiros... Há quatro portas pelas quais entra a riqueza: não se viciar em mulheres, não se viciar na bebida, não se viciar no jogo, não possuir maus amigos, maus colegas e maus companheiros.

(4,59)

8

Os seres têm como patrimônio o seu carma; são os herdeiros, os descendentes, os pais, os vassalos do seu carma. É o carma que divide os homens em superiores e inferiores.

(2,29)

9

Qual é o caminho da salvação?! É a retidão, é a meditação, é a sabedoria. Penetrada pela retidão, a meditação torna-se fecunda; penetrada pela meditação, a sabedoria torna-se fecunda; penetrada pela sabedoria, a alma se liberta totalmente de qualquer apego: apego ao desejo, apego ao vir-a-ser, ao erro e à ignorância.

(1,54)

10

Os raios da roda são as regras da retidão de conduta. A justiça é a uniformidade de sua circunferência; a sabedoria, a

sua faixa; a meditação é o cubo em que se fixa o eixo da verdade inflexível.

(7,80)

11

Ainda que o corpo esteja envolvido por vestes laicas, o espírito pode se elevar até as mais altas perfeições. O homem do mundo e o eremita não diferem nada um do outro, se ambos tiverem vencido o egoísmo. Enquanto o coração permanecer encadeado pelos laços da sensualidade, toda aparência exterior de ascetismo não passa de coisa vã.

(4,58)

12

Aquele que age com discernimento e se esforça pacientemente obtém riquezas. Com a retidão, alcança fama e praticando doações cria laços de amizade.

(4,59)



*"Só isso eu ensinei
e ensino: a dor
e o fim da dor".*



13

A vitória engendra o ódio, porque o vencido sofre. Aquele que vive em paz é feliz, pois não sonha com vitória nem derrota.

É pela benevolência que se deve vencer a cólera: é pelo Bem que se deve vencer o Mal. Deve-se vencer o avarento pela liberalidade, e o mentiroso pela verdade.

(1,87)

14

Se malvados vos injuriam, dizei: "São bons porque não me batem". Se vos batem, dizei: "São bons porque não me matam". Se vos matam, dizei: "Há discípulos aos quais o corpo e a vida trouxeram tantos tormentos, que eles desejam a morte violenta. Encontrei tal morte, sem tê-la buscado".

(1,28)

15

Os que vivem conforme a Lei praticam os preceitos, falam a verdade, são comedidos, libertos do mundo da impermanência e castos... renascem nos mundos celestiais ou em boas famílias deste, alcançando o Nirvana em seguida.

(4,63)

16

A indulgência é a austeridade por excelência; a paciência

é o Nirvana por excelência. Não é um fiel aquele que prejudica alguém. Não é um fiel aquele que faz sofrer alguém.

(1.85)

17

Não é sobre as faltas alheias que devemos fixar a atenção, mas sobre o que nós mesmos deixamos de fazer.

Fácil é ver a falta do próximo; difícil, a nossa própria. À dos outros, damos o maior relevo possível; a nossa, ao contrário, dissimulamos, como o trapaceiro esconde seus dados falsos.

Que te pode interessar que outrem seja ou não culpado? Vem, amigo, e olha o teu próprio caminho!

Que, pouco a pouco, sem se cansar, o sábio sopre sobre as impurezas de tua alma, como o ourives sopra sobre as partículas de prata.

Pela atividade viril, pelo esforço vigilante, pela paz da alma e pelo domínio sobre si mesmo, o sábio pode fazer

uma ilha que não submerge nas ondas.

Calmo é o seu espírito, calma a sua palavra, calma a sua maneira de agir. Quando um homem, que não é crédulo, mas que conhece o Incriado (o Nirvana), rompe assim suas amarras e diz adeus aos prazeres, torna-se o mais eminente dos mortais.

(1.38)

18

Todas as seitas propõem a sujeição do sentido e a pureza da alma... o Bem é a medula de todas as seitas... Este desenvolvimento da essência de todas as seitas pode-se fazer de muitas maneiras. Mas todas têm uma mesma raiz, que é viciar a linguagem e não celebrar a sua comunidade depreciando as outras... Deve-se, pelo contrário, prestar às outras seitas as homenagens que lhes são adequadas, e isso em qualquer circunstância. Que quem quer que assim proceda faz prosperar a sua seita e se torna útil às outras. Que todos

"Eu atingi o imortal.



desejem ouvir e aprender o Bem uns com os outros.

(2,88)

19

O que somos hoje e o que seremos amanhã depende de nossos pensamentos. Se procedo mal, sofro as conseqüências; se procedo bem, eu mesmo me purifico.

(7,115)

20

A melhor das vias é a Via de oito ramos: a melhor das verdades, aquela que se contém nos quatro artigos: a melhor das condições, a ausência de paixões; o melhor dos homens, aquele que tem olhos.

É a única via, e não há outra para purificar o espírito. Seguindo-a, poreis termo à dor. Essa via foi por mim ensinada, quando descobri o remédio contra os espinhos da existência.

Cem anos passados no desregramento e na dissipaçāo não valem um só dia de uma vida consagrada à ciência e à meditação.

Cem anos de uma vida passada na indolência e na falta de energia não valem um só dia de uma vida vivida com vitalidade e energia.

Cem anos de uma vida passada sem enxergar com seus próprios olhos a Lei suprema não valem um só dia de uma vida consagrada a enxergar com seus próprios olhos essa Lei suprema.

(1,87)

21

O que é efêmero é mau; o que é mau não é o Eu. O que não é o Eu não é meu; eu não sou aquilo, aquilo não é meu Eu... Felizes em verdade os Perfeitos! O pensamento "Eu sou" estando extirpado, a rede da ilusão se rasga.

...Não crer que "Eu sou" é a liberdade.

(3,180)

22

O homem superior é aquele que, distribuindo suas riquezas conforme a Lei, oferece aos outros o fruto de sua diligênci a. O que assim faz é o maior dos pensadores, uma pessoa acima de qualquer dúvida. Seu destino é um lugar feliz, onde não terá nenhuma preocupação.

(4,61)

23

O louco que reconhece sua loucura possui algo de prudente; porém, o louco que se presume sábio esse está realmente louco.

(7,110)

24

As coisas não existem da maneira que pensam os homens comuns e ignorantes da Verdade: elas existem no sentido de que não têm realidade própria. E desde que elas não

"O Buda não aprecia as dádivas que lhe são oferecidas; mas apenas as esmolas distribuídas aos necessitados".



existam na realidade, são uma ilusão que é decorrente da ignorância. É a essa ilusão que se apegam os homens ignorantes da Verdade. Eles consideram todas as coisas como reais, quando, na verdade, nenhuma é real.

(10,40)

25

A afeição ao prazer produz desgosto; o temor do sofrimento engendra o medo. Quem não se afeiçoa ao prazer nem teme a dor não conhece o desgosto nem o medo. Quem cede à vaidade e se apega ansiosamente ao prazer, invejará mais tarde aquele que adquiriu a virtude por meio da meditação.

(7,118)

que não possui filhos, nem bois, nem campos e nenhum bem material. Ele nada encontra para tomar ou rejeitar. Desaparecidas a inveja e a asperreza para com os lucros, esse sábio não diz "alto", nem "baixo", nem "igual"; não procura o tecido do tempo e nada tece. Aquele que nada possui neste mundo, nem se aflige por perder, nem abraça uma opinião, este merece ser chamado de homem sereno.

(3,66)

26

Eis os quatro impulsos que arrastam para a existência individual: o apego ao desejo, o gosto da especulação metafísica, a prática dos ritos religiosos, a crença na vida imortal da personalidade.

(1,77)

28

O discípulo que cultiva as Dez Perfeições entra no Caminho que o leva à Libertação. Tais são as Dez Perfeições: a Caridade (*Dana*), a Conduta Ética ou Dever (*Sila*), a Renúncia (*Nekhamma*), a Sabedoria (*Panna*), o Esforço, a Energia (*Virya*), a Paciência (*Khanti*), a Fidelidade (*Sacca*), a Determinação (*Adhitthana*), a Bondade (*Metta*), a Equanimidade (*Upekkha*).

(10,196)

27

Chamo de *arahant* ao homem sereno, indiferente aos desejos, sem um único vínculo, que transpôs a lama sórdida,

**“Qual a raiz do Mal?
A cobiça, o ódio
e a ilusão.”**

"Antes de dar, o coração se alegra; durante o ato de dar, ele se purifica; e, depois de dar, ele se sente satisfeito".



29

Toda mortificação é vã, se a personalidade persiste em desejar os prazeres do mundo e os deleites do céu.

... Toda sensualidade é enervante. O homem sensual é escravo de suas paixões, e degrada-se vilmente ao buscar o prazer. Porém, não é mau sa-

tisfazer as necessidades da vida. Ao contrário, é dever nosso conservar a saúde do corpo, porque de outra maneira não poderíamos manter aceita a lâmpada da sabedoria, nem dar fortaleza e lucidez à mente.

(7,79)

30

Saber de cor todos os Vedas não conduz à Verdade. O conhecimento útil, a verdadeira ciência, só pode ser adquirido pela prática.

(7.149)

31

A esse que é tolerante para com os intolerantes, doce para com os violentos, desapegado de tudo para com os apegados a tudo — a esse eu chamo de sábio.

A esse que nada mais espera neste mundo, nem em um outro mundo, que é a tudo in-

62

sensível, de tudo desprendido — a esse eu chamo de sábio.

A esse que, não tendo mais ligações com os homens, superou aquelas que poderia ter com os deuses, que é completamente desprendido de tudo — a esse eu chamo de sábio.

(1,80)

32

De dez formas praticam os homens a virtude, e de dez formas o vício.

Quais são essas dez formas? Há três para o corpo, quatro para a palavra, três para o pensamento.

Para o corpo, as três formas de praticar o vício são: tirar a vida; tomar o que não foi dado; não viver com castidade.

Para a palavra, as quatro maneiras são: dizer mentiras; dizer palavras vãs; dizer injúrias; dizer calúnias.

Para o pensamento, as três formas são: a cobiça; a vontade de prejudicar; a ignorância.

Nunca digas injúrias a quem quer que seja: teus adversários responderiam da mesma forma, e dolorosa seria essa troca de injúrias.

Atingirás o Nirvana quando te tornares insensível como um clarim quebrado; não mais terás alterações.

O sábio abstém-se de toda palavra de calúnia. Não repele o que ouviu, para não indispor este com aquele. Reconcilia os desunidos, estreita os lados dos unidos. A concórdia é sua alegria, a concórdia é sua ocupação e sua delícia. Palavras que podem trazer concórdia, essas ele pronuncia.

(1,85)

33

Não é o fato de andar nu, nem a imundície, nem o jejum, nem o hábito de se deitar sobre a terra dura, nem a imobilidade que serão capazes de purificar um homem que não venceu a concupiscência.

Embora vestido luxuosamente, é um fiel aquele que

vive na quietude, calmo, casto,
sem fazer mal a ente algum.

Não são os cabelos trançados, nem a riqueza, nem o nascimento que fazem o brâmane. Aquele em que se encontram a verdade e a justiça, esse sim, é feliz, esse é um brâmane.

Para que esses cabelos trançados? para que uma veste de pele de cabra? Em ti, o interior é um verdadeiro caos: cuidas apenas do exterior.

O que torna impuro não é comer carne: é o ódio, a intemperança, a teimosia, a hipocrisia, o embuste, a inveja, o orgulho, a complacência para com os homens injustos.

(1,78)

34

Não busco recompensa alguma, nem mesmo renascer num paraíso; procuro, porém, o bem dos homens, procuro reconduzir os que saíram do Caminho, alumiar os que vivem nas trevas e no erro, banir do mundo toda pena e sofrimento.

(1,80)

35

Tal como numa casa cujo telhado é imperfeito penetra a chuva, assim também, num espírito onde não reside a meditação penetra a paixão.

Não há conhecimento para aquele que não medita; não há meditação para aquele que não busca o conhecimento. Aquele em que habitam conhecimento e meditação, está perto do Nirvana.

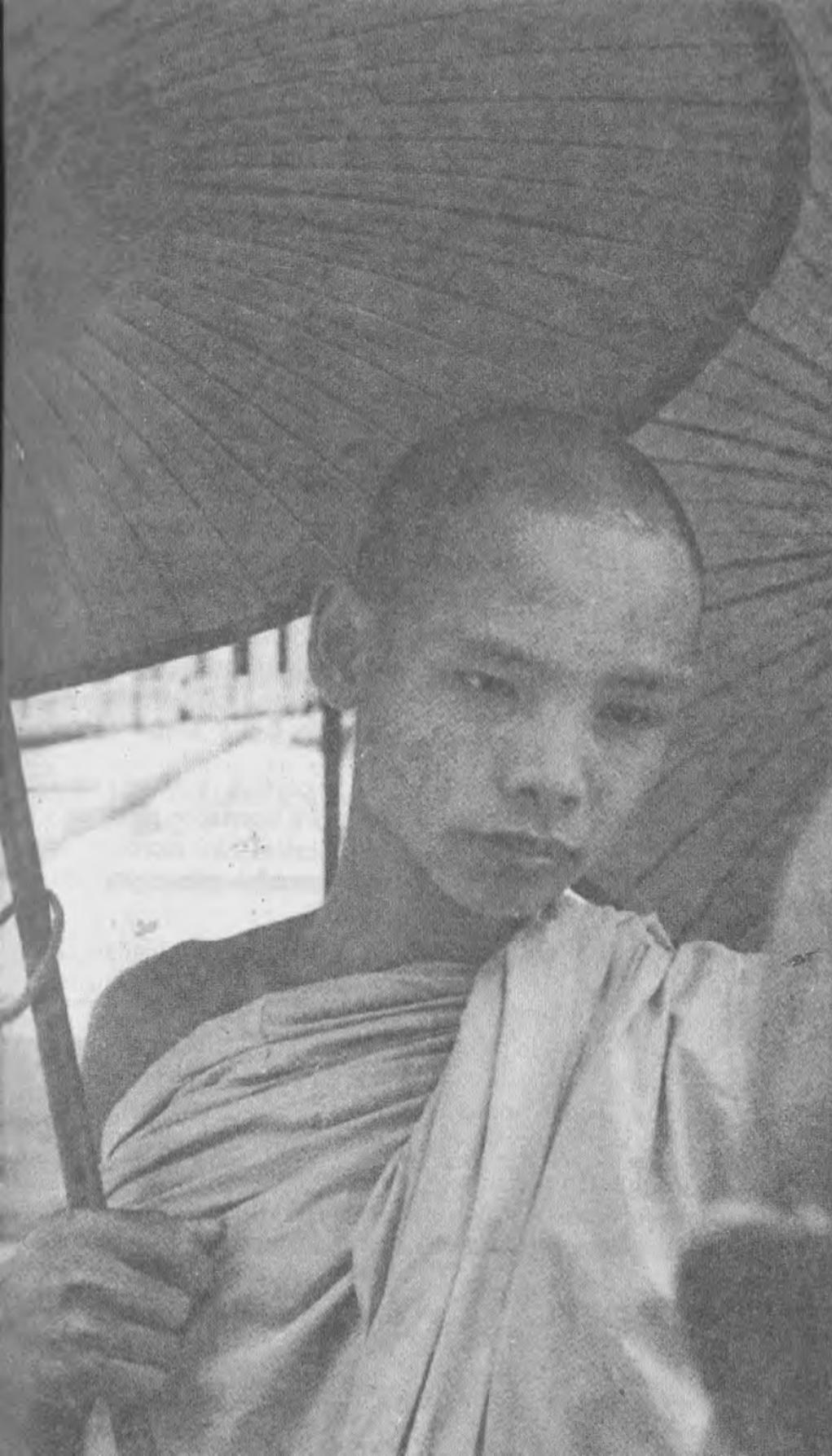
Completa e eternamente vigilantes são os discípulos de Buda. De noite como de dia, sem folga, está posta na Lei sua atenção.

(1,52)

36

“Não corras atrás do passado,
Não busques o futuro,
O passado passou.
O futuro ainda não chegou.
Vê, claramente, diante de ti o Agora.

Sem um centavo sequer, pensativo, eu percorro o mundo.
Sob as vestes de monge, sem domicílio, eu vou.
Os cabelos raspados e o espírito sereno.



Quando o tiveres
encontrado
Viverás o tranqüilo e
imperturbável estado
mental."

(10,90)

37

"Eu sou o resultado de meus próprios atos, herdeiro de atos; os atos são a matriz que me trouxe, os atos são meu parentesco; os atos recaem sobre mim; qualquer ato que eu realize, bom ou mau, eu dele herdarei." Eis em que deve sempre refletir todo homem e toda mulher.

(3,85)

38

Assim como o rochedo não pode ser abalado pelo vento, nem a censura, nem a lisonja tem qualquer poder sobre o sábio.

A sua vontade, os construtores de aquedutos dirigem a água, os armeiros preparam a

flecha, os carpinteiros curvam a madeira; é de si mesmos que se fazem os que conhecem a Lei.

Inútil vencer, numa batalha, milhões de homens: vencer-se a si mesmo é a maior vitória.

Para o homem que se domou, que vive na continência, para esse, nem Deus, nem gênio, nem Mara como o próprio Brahma seriam capazes de mudar em derrota a sua vitória.

A indolência é uma enfermidade; a preguiça, uma nódoa. Arrançai essa flecha envenenada que é a indolência.

A vigilância é o caminho que leva à libertação da morte. Os vigilantes não morrem; os negligentes já são como os mortos.

Quando, graças à vigilância, o sábio repudia toda negligência, eleva-se até a morada da Ciência, e aí, feliz e prudente, com o mesmo olhar daquele que, sobre a montanha, vê os que estão na planície, enxerga a turba aflita e ignorante.

Vigilante entre negligentes, desperto entre adormecidos,

o homem inteligente caminha e deixa longe de si os outros, como um rápido corcel deixa para trás um cavalo débil.

Erguei-vos, pois! Não sejais indolentes! Agi de acordo com a Lei. Aquele que observa a Lei vive feliz neste mundo e em todos os outros.

(1,36)

39

O verdadeiro culto não consiste em oferecer incenso, flores ou outras coisas materiais; mas no esforço por seguir o caminho daquele a quem se reverencia.

(1,77)

40

Esse que veem a essência no que não é a essência, e no que é a essência não vêem a essência — estes entregam-se a aspirações ilegítimas e não atingem a essência.

(1,73)

"O praticante do "Caminho" não deve tocar em dinheiro, ouro ou prata; deve viver baseando-se apenas no presente".



41

A velhice, a doença, a morte, eu delas ainda não triunfei... Mas serei bem sucedido, sem jamais voltar para trás, na travessia que se obtém pelo caminhar com Brahma.

(3,199)

67

"Abster-se de todo mal - praticar o bem -, purificar seus pensamentos: tais são os mandamentos de todos os Budas".



42

Todos os seres e todas as coisas são constituídas de uma mesma essência, embora pareçam diferentes segundo as formas que tomam, em consequência das influências que recebem. Como se formam, agem, e como agem, são. Imaginemos um oleiro que fabrique vasilhas diferentes com o

mesmo barro. Cada uma dessas vasilhas terá seu destino, pois uma servirá para arroz, outra para manteiga, outra para leite e algumas serão usadas para depósito de impurezas. Não há diferenças no barro empregado. A diferença está no modelo dado pelo oleiro, segundo os diversos usos requeridos pelas circunstâncias.

Analogamente, todos os seres evolucionam de acordo com uma só lei e se destinam ao mesmo fim, que é o Nirvana.

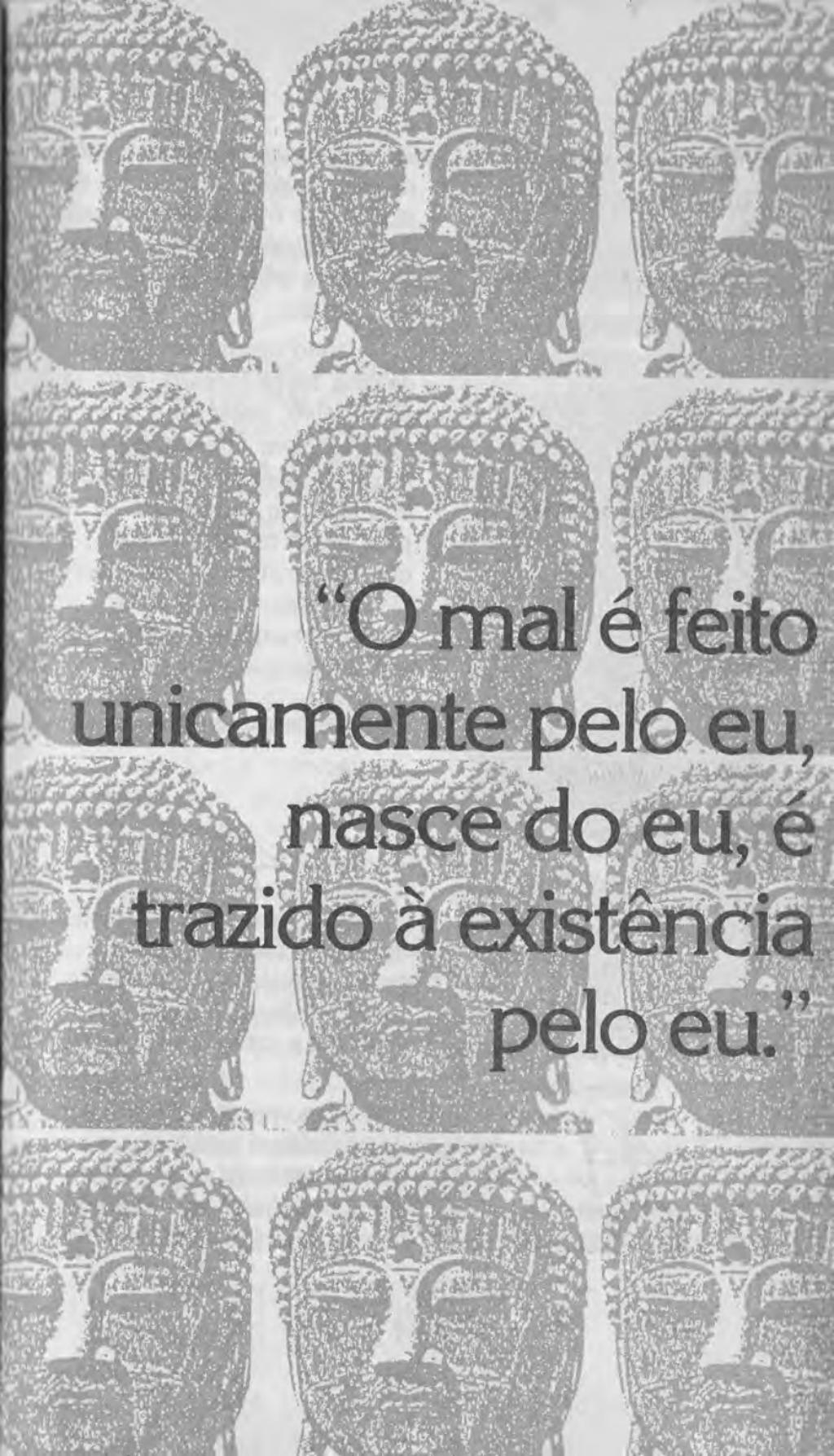
(7,141)

43

Cada qual pagará a si mesmo pela má ação que cometeu. Praticando uma boa ação, cada qual se purificará a si mesmo. Não se podem purificar uns aos outros.

Minhas obras são meu bem; minhas obras são minha herança; minhas obras são o seio que me leva; minhas obras são a raça à qual pertenço; minhas obras são meu refúgio.

68



**“O mal é feito
unicamente pelo eu,
nasce do eu, é
trazido à existência
pelo eu.”**

*"Puro ou impuro,
cada um o é
por si mesmo;
ninguém pode
purificar outrem".*



Em parte alguma existe alguém que esteja ao abrigo das consequências de seus próprios atos.

(1,43)

44

Não façais pouco-caso do Mal, dizendo: "Ele não recai-

rá sobre mim". A água, embora caindo gota a gota, acaba por encher o vaso; o Mal, embora praticado pouco a pouco, acaba por encher a alma do culpado.

Quando um homem, depois de uma longa jornada, retorna são e salvo, parentes e amigos festejam com júbilo sua volta. Assim também, quando aquele que fez o bem passa deste para outro mundo, os méritos que conquistou na vida dão-lhe as boas-vindas, como parentes dão as boas-vindas a um ser amado que volta.

(1,45)

45

Aquele que percebe a existência da dor e conhece sua causa, remédio e extinção, comprehende as quatro nobres verdades e está no bom caminho.

Seu reto propósito será a luz que iluminará seus passos, e a palavra verdadeira, o seu refúgio. Caminhará em linha reta, porque reta é a conduta.

70

O trabalho honroso terá seu consolo; seus esforços serão seus passos, seus bons pensamentos, seu alento, e a paz será uma companheira inseparável.

Tudo quanto teve princípio terá fim. É vão todo cuidado com a personalidade, todas as atribulações que a afetam são passageiras e desvanecer-se-ão como um pesadelo quando acordar o sonhador.

Quem desperta para o conhecimento da verdade livra-se de todo temor e conhece a futilidade de suas inquietações, ambições e sofrimentos. Acontece que, às vezes, ao sair de um banho, a gente pisa numa corda úmida e a confunde com uma serpente; e horrorizada, sofre a agonia idêntica à causada por uma picada venenosa. Quão alegre ficará o homem ao reconhecer o seu engano e a não existência de tal serpente! O motivo de seu espanto está em seu erro, em sua ignorância e ilusão. Quando souber que pisou numa corda, reconquistará o sossego e a tranquilidade.

"Não devemos seguir uma vida de prazeres ou de puro ascetismo.

Devemos nos orientar pelo caminho do meio, evitando esses dois extremos".



Tal é a atitude de quem conhece a ilusão da personalidade e que a causa de todas as suas dores, sofrimentos, inquietações e vaidades é uma miragem, uma sombra e um sonho.

Feliz aquele que vence o egoísmo, alcança a paz e encontra a verdade. A verdade liberta-nos do mal; não há no mundo libertador igual.

Confiai na verdade, mesmo que não sejais capazes de compreendê-la, mesmo que no começo vos pareça amarga a sua doçura.

O erro extravia; a ilusão é a mãe do Mal, que embriaga como bebida fermentada; porém, muito logo se desvanece, deixando o homem abatido e desgostoso.

A personalidade é uma febre, uma visão passageira, um sonho; porém, a verdade é sublime, saudável, eterna. Unicamente a verdade é imortal, porque permanece para sempre.

(7,80)

46

Ao seu pensamento vacilante, móvel, difícil de conter, difícil de domar, o homem inteligente impõe a mesma reti-

dão que um fazedor de flechas à flecha que prepara.

Como um peixe atirado à terra, agita-se convulsamente esse pensamento para se esquivar à dominação de Mara.

Difícil de conter, arisco, vagando por onde lhe apraz: tal é o pensamento. Domá-lo é coisa salutar; domado, ele conquista a felicidade.

Difícil de se mostrar, muito esperto, vagando por onde lhe apraz: tal é o pensamento. Ao sábio compete vigiá-lo; vigiado, ele conquista a felicidade.

Vadio, solitário e incorpóreo, o pensamento mora nos refolhos do ser. Os que conseguirem contê-lo libertar-se-ão dos grilhões de Mara.

Antigamente, meu pensamento vadio errava, daqui, dali, onde o chamavam o amor, o desejo ou o prazer. Hoje, eu o domino completamente, como o cornaca domina o elefante selvagem.

(1,51)



Posição de Meditação.



Posição de Adoração.



Posição de Argumentação.



Posição de Pregação.



Posição de Iluminação.



O gesto de proteção da mão direita
e o de caridade da mão esquerda.

Existem no mundo quatro tipos de indivíduos. Quais são? Há os sombrios que caminham para as trevas, os sombrios que caminham para a claridade; os claros que caminham para as trevas e os claros que caminham para a claridade.

Qual é aquele que é sombrio, que caminha para as trevas? É, por exemplo, o homem nascido numa família humilde; ele é pobre, mal nutrido, vivendo numa condição miserável, aflito, disforme. Sua conduta de corpo, de palavra e de pensamento é má, de modo que, quando da decomposição de seu corpo após a morte, ele surge no abismo, num mau destino, na queda. É como se o ser caminhasse de cegueira em cegueira, das trevas a outras trevas, de uma mancha de sangue a outra.

Qual é aquele que é sombrio e caminha para a claridade? É, por exemplo, aquele que é nascido nas condições más que acabo de dizer, mas cuja conduta de corpo, de palavra e de pensamento é boa, de modo

que, quando da decomposição de seu corpo após a morte, ele surge num bom destino, num mundo celeste. É como se o ser se elevasse do solo num palanquim, do palanquim ao dorso de um cavalo, do dorso do cavalo ao dorso do elefante e do elefante sobre um terraço.

Qual é aquele que é claro mas que caminha para as trevas? É, por exemplo, aquele que nasceu numa família de elevada estirpe, muito rica, e com tudo que possa assegurar o prazer. Mas sua conduta de corpo, de palavra e de pensamento é má, de sorte que, quando da decomposição de seu corpo após a morte, ele surge no abismo, no mau destino, na queda. É como se o ser descesse de um terraço sobre um elefante, do dorso do elefante ao dorso do cavalo, daí em um palanquim e do palanquim à terra.

Qual é aquele que é claro e que caminha para a claridade? É, por exemplo, aquele que nasceu nas circunstâncias felizes que eu acabo de dizer e cuja conduta de corpo, de palavra e de pensamento é boa, de modo que, quando da de-

composição de seu corpo após a morte, ele surge num bom destino e num mundo celeste. É como se o ser passasse de um palanquim a outro, de um cavalo a outro cavalo, de um elefante a um outro elefante, de um terraço a um outro terraço. É por esta imagem que descrevo esse tipo de indivíduo.

(3,196)

48

De cinco formas deve um filho testemunhar veneração a seus pais: prover às suas necessidades como eles provaram às suas, substituí-los nos seus deveres, tornar-se digno de ser seu herdeiro, velar pelo que possuem, e, mortos seus pais, cultuar respeitosamente sua memória.

De cinco formas manifesta um marido amor à sua esposa: tratando-a com respeito e bondade, conservando-se fiel a ela, defendendo-a, zelando para que ela seja honrada pelo próximo, provendo às suas necessidades.

De cinco formas demonstra a mulher amor pelo marido: dirige e ordena a casa, recebe com hospitalidade a família e os amigos de seu esposo, sua conduta é pura, é uma hábil dona-de-casa e cumpre com zelo seus deveres.

De cinco formas um homem prova os seus sentimentos de amizade: sendo generoso, afável, agindo para com os outros como quereria que agissem para consigo mesmo, partilhando com os outros as coisas que desfruta.

De cinco formas um amo deve prover ao bem-estar de seus servidores: equilibrando com suas forças seu trabalho, dando-lhes alimentação e salário razoáveis, cuidando de sua saúde quando enfermos, dividindo com eles os prazeres que possa ter e concedendo-lhes férias.

Os servidores devem corresponder a essa conduta de seu amo cumprindo com consciência seus misteres e falando bem de seu amo.

Viverá honrado aquele que for benevolente, amável, reconhecido, generoso, capaz de

ser guia, instrutor e condutor de homens.

Ide de coração transbordante de compaixão; neste mundo que a dor dilacera, sede instrutores e, onde quer que reinem as trevas da ignorância, iluminaí com vossa luz.

(1,91)

"O Caminho do Meio desvenda os olhos do espírito, conduz ao repouso, à ciência, à iluminação, ao Nirvana".



49

Há na meditação, ó monges, quatro etapas. Quais são elas?

Na primeira, ó monges, um religioso que se mantém acima dos prazeres dos sentidos, acima dos estados errôneos do espírito, penetra na primeira etapa da meditação e aí permanece; ela comporta a análise e o inquérito, ela nasce da posição superior (aos prazeres, etc.); ela é êxtase e felicidade.

Suprimindo a análise e o inquérito, com sua fé interior, o espírito concentrado e voltado numa única direção, ele penetra na segunda etapa da meditação e aí permanece; ela é sem análise e sem inquérito, ela nasce da contemplação; ela é êxtase e felicidade.

O êxtase se atenuando, ele permanece indiferente, vigilante, pensativo, experimenta a comodidade do corpo de tal modo que, penetrando na terceira etapa da meditação, aí permanece um ser do qual os arianos dizem: "Ele é indiferente, vigilante, permanece na comodidade".

Desfazendo-se da felicidade, desfazendo-se do sofrimento, pela diminuição de suas antigas alegrias e dores, ele entra na quarta etapa da meditação, e aí permanece; ela é sem sofrimento e sem alegria; ela é a pureza absoluta da vigilância, que é diferente. Tais são, ó monges, as quatro etapas da meditação.

Ó monges, da mesma maneira que o rio Ganges se dirige, desliza e gravita para o leste, da mesma maneira, ó monges, quem realiza as quatro etapas da meditação se torna aquele que a aprecia, que se dirige, desliza e gravita para o Nirvana.

(3,95)

50

Minha doutrina é semelhante ao oceano.

O oceano é minha doutrina, ambos pouco a pouco vão se tornando cada vez mais profundos. Ambos em todas as suas mudanças conservam a unidade. Ambos devolvem cadáveres à praia.

Assim como os rios, lançando-se no mar, perdem seu nome e, a partir de então, ficam fazendo parte do grande oceano, assim também os homens de toda casta, entrando para a comunidade, tornam-se todos irmãos e passam a ser contados como filhos do Buda.

O oceano é o reservatório de todos os cursos d'água e da chuva das nuvens e, no entanto, não transborda, nem seca, nunca. Assim, também minha doutrina é compreendida por milhões de pessoas, e no entanto não aumenta nem diminui.

Assim como o grande oceano está impregnado de um só sabor — o do sal —, assim também minha doutrina está impregnada de um só sabor, o da liberação.

O oceano e minha doutrina, ambos estão cheios de pedras preciosas, tesouros e pérolas, e ambos servem de morada a toda uma poderosa existência.

Minha doutrina é pura e não faz distinção alguma entre o nobre e o vulgar, o rico e o pobre.

Minha doutrina é semelhante à água que apaga toda nodoa.

Minha doutrina é semelhante ao fogo que tudo purifica.

Minha doutrina é semelhante ao céu, porque há nela lugar, muito lugar, para receber todos os homens, o nobre e o vulgar, o rico e o pobre, o poderoso e o humilde.

(1,95)

51

Teoria das doze causas.

É um conjunto de proposições de sentido duplo. Quando se desce da primeira causa à décima segunda, assiste-se ao nascimento progressivo da existência; quando, pelo contrário, se sobe da décima segunda para a primeira, suprime-se, uma após outra, as causas da existência — e acaba-se por atingir a “libertação”.

Da ignorância provêm as ações da vontade ; das ações da vontade provém o conhecimento; do conhecimento pro-

vêm os fenômenos mentais e físicos; dos fenômenos mentais e físicos provêm os seis domínios, ou seja, os cinco órgãos do sentido e a mente; dos seis domínios provêm o contato sensitivo e mental; do contato provém a sensação; da sensação provém o desejo; do desejo e da sede provém o apego à existência; do apego provém a existência; da existência provém o nascimento; do nascimento provém a velhice, a morte, o sofrimento e o desespero. Essa é a origem de todo o império da dor.

(2,45)

52

Os livros ensinam que as trevas eram o princípio e que Brahma meditava solitário naquela noite.

Não busqueis ali Brahma nem o Princípio. Olhos mortais não podem vê-lo, nem é capaz de o conhecer a mente humana. Erguerá um véu após o outro, mas sempre encontrará um outro véu atrás.

78



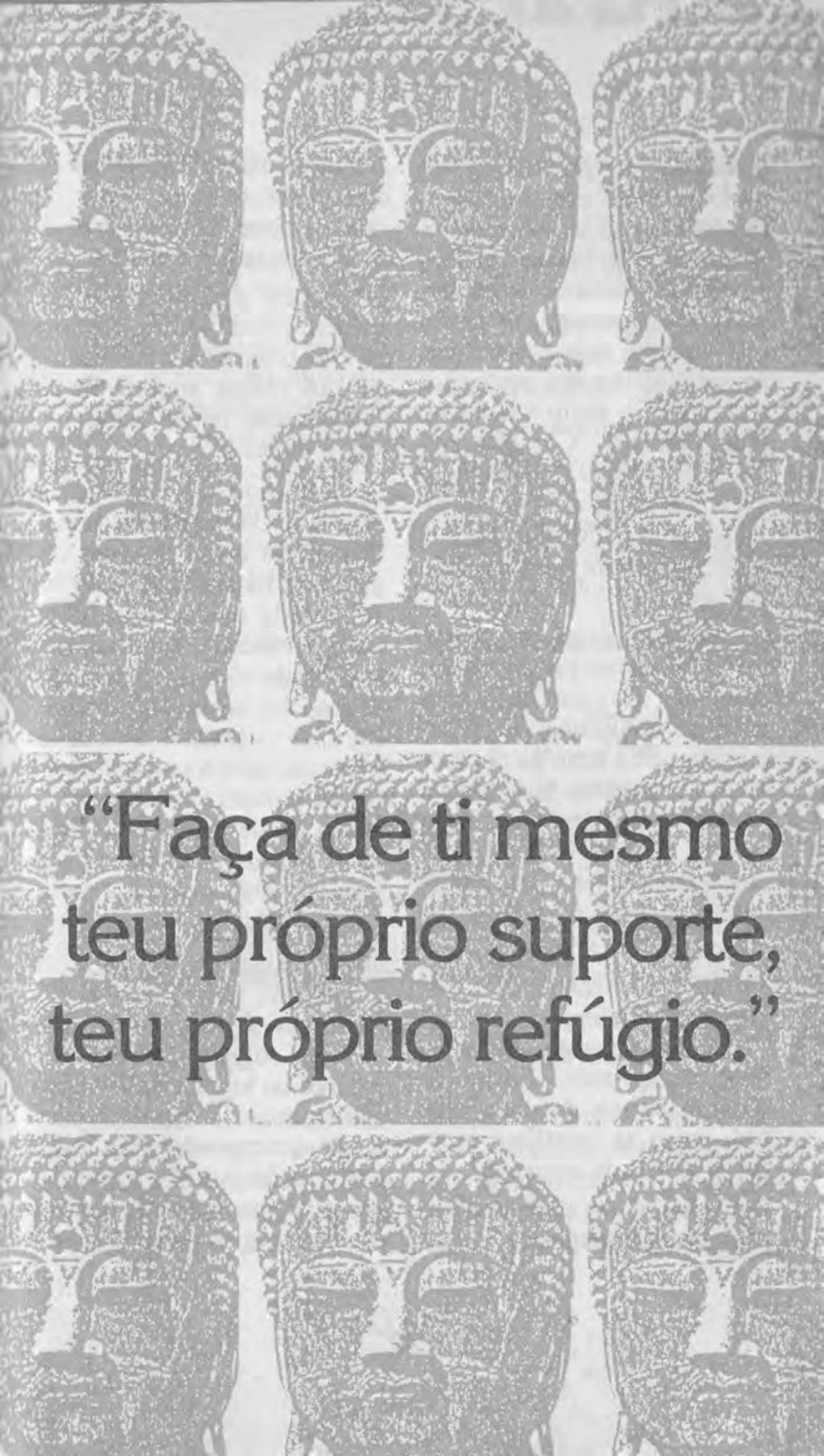
Os astros rodam e não perguntam. Basta que a vida e a morte, a alegria e a dor subsistam, assim como a causa e o efeito, o transcurso do tempo e o incessante fluxo e refluxo da existência, que é sempre mutável e desliza como um rio, cujas ondas lentas ou rápidas se sucedem umas às outras desde sua longínqua fonte até o mar onde deságuam.

O sol evapora o mar e restitui perdidas ondas em formas de aveludadas nuvens, que gotejarão montanhas abaixo, para refluir de novo, sem paz nem trégua.

Isso basta para se saber quão ilusórios são os céus, as terras, os mundos e as mudanças que o alteram em potentes rodas de lutas e violências, cujo turbilhante giro ninguém pode deter nem inverter. Não supliqueis, porque as trevas não iluminarão. Nada peçais ao silêncio, porque ele está mudo. Nada espereis dos deuses implacáveis, oferecendo-lhes hinos e dádivas. Não pretendais suborná-los com cruentos sacrifícios. Em nós mesmos devemos buscar a liberação. Cada qual cria o seu

próprio cárcere. Cada qual tem tanto poder quanto os mais potentes. Porque tanto para as potestades que estão acima, ao redor, e abaixo de nós, como para toda carne e toda vida, a ação engendra o prazer e a dor. Do que foi provém aquilo que é e o que será, melhor ou pior. Podeis elevar vosso destino à maior altura do que o de Indra ou rebaixá-lo mais do que o da larva; o que sobe pode cair; o que cai pode subir. Os raios da roda não param de girar. O vós que sofreis! sabei que sofreis porque quereis. Ninguém vos excita à vida nem nela vos retém condenados à morte, girando sobre a roda e abraçando seus raios de agonia, seu aro de lágrimas, seu cubo de rija madeira.

Mais fundo que o inferno, mais alto que o céu, além das mais longínquas estrelas, mais além da morada de Brahma, há um poder estável e divino, existente antes do princípio e que não terá fim, eterno como o tempo, seguro como a certeza, que impele para o bem e é súdito de suas próprias leis. A seu toque, florescem os rosais



**“Faça de ti mesmo
teu próprio suporte,
teu próprio refúgio.”**

e sua mão modela as pétalas de lótus e, no obscuro solo e nas silenciosas sementes, cresce o atavio da primavera. Seu pincel colore as luzentes nuvens, e no pescoço do pavão real engasta suas esmeraldas. As estrelas são seu porto, e o relâmpago, o vento e a chuva, seus escravos. Constrói nas trevas o coração do homem, e na obscuridade do ovo, o fai-são de colo multicolor, sempre ativo, transmuta a ira e o ódio em amor.

Seus tesouros são os cinzentos ovos no ninho do colibri dourado; as suas hexágonas favas de abelha são suas redomas de mel; a formiga obedece a seus mandatos, e a branca pomba os conhece bem. Solta as asas à água toda vez que com pressa volta a seu ninho; conduz a loba para junto de seus lobinhos; e encontra sustento e amigos para os seres abandonados.

Nada o repugna, nada o detém. Tudo ama. Enche os seios maternais de doce leite, bem como de mortífero veneno os dentes da serpente.

Concerta no interminável dossel do firmamento a har-

moniosa música das móveis esferas; nos abismais seios da terra esconde o ouro, o ônix, a safira e as lazulitas.

Envolto perpetuamente no mistério, oculta-se na espessura dos bosques e alimenta ao pé dos cedros admiráveis rebentos com novas fibras, ervas e flores.

Cada vida do homem é o resultado de suas vidas precedentes. Os erros passados engendram tristeza e sofrimento. A passada retidão traz felicidade. Colhereis o que semeades. Vede vossos campos. O sésamo foi sésamo, e o trigo, trigo. O silêncio e a sombra o sabem. Assim nasce o destino do homem. Vem à vida e colhe o que semeou: sésamo ou trigo, ou venenosas e daninhas ervas que o corrompem.

Se o homem aprender a causa da dor e pacientemente a suportar, esforçando-se por pagar as dívidas contraídas, por suas culpas passadas, sempre fiel ao amor e à Verdade; se limpar seu sangue do amor e da concupiscência e, sem prejuízo de outrem, sofrer tudo mansamente, perdoando as injúrias, pagando o mal com o

bem; se dia a dia for compassivo, justo, amável e sincero, e extirpar o desejo donde quer que penetre com raízes até extinguir o apego à vida; se agir assim, terminará sua vida liquidando e saldando seus débitos, e acrescentando e vivificando os créditos recentes ou longínquos, que também produzirão frutífero crédito.

Quem age assim, não precisa do que chamais vida. Realizou o propósito que o fez homem.

Já não o torturará a ansiedade nem o mancharão os pecados, nem os prazeres e dores humanas turvarão sua perpétua paz, nem voltarão a ele mortes e renascimentos. Entra no Nirvana. Uniu-se com a Vida e, no entanto, não vive. É feliz porque deixou de existir, porém, não deixou de ser.

(7,85)

— Que pensais, *bhikkhus* (discípulos)? Quais as mais numerosas? Essas poucas folhas na minha mão, ou as que estão na floresta?

— Senhor, certamente as folhas da floresta são muito mais numerosas!

— Da mesma forma, *bhikkhus*, do que sei não disse tudo e o que não divulguei é muito mais. E por que eu não lhes disse? Porque isso não é útil e não conduz ao Nirvana.

(10,30)

54

Resposta ao brâmane Kuta-danta.

Kutadanta:

— Se não existe a alma, como pode existir a imortalidade? Se a atividade da alma cessa, nossos pensamentos também cessarão.

Buda:

— Nossa faculdade de pensar desaparece, porém nossos pensamentos continuam existindo. Cessa o raciocínio, po-

53

Certa vez, na floresta Sim-sapa do Kosambi (perto de Allahabad), pegando algumas folhas na mão, Buda perguntou aos discípulos:

rém continua o pensamento. É como se durante a noite alguém tivesse necessidade de escrever uma carta. Acende a luz, escreve a carta e, uma vez escrita, apaga a luz. Embora esteja a luz apagada, a carta continua escrita. De modo análogo, o raciocínio cessa, mas o conhecimento persiste. A atividade mental cessa, porém a experiência, o conhecimento e o fruto de nossas ações não são perdidos, continuam...

...Faze com que tua mente repouse na Verdade, difunde a Verdade, e põe a Verdade em tua alma. Então viverás eternamente.

O "eu" é a morte, a Verdade é a vida. O apego ao "eu", ou à personalidade, é morte contínua, ao passo que quem vive e se move na Verdade, alcança o Nirvana, o Eterno.

(10,161)

55

Buda explica como chegou à perfeição. Sentado sob uma

árvore em Uravela, às margens do rio Nairanjana, disse:

"Fiz bem em abandonar os exercícios ascéticos. Foi uma felicidade eu ter abandonado aqueles exercícios inúteis. Foi uma felicidade eu ter perseverado no Pensamento Correto até chegar à Iluminação".

Nesse momento, apareceu Mara, o demônio dos desejos, e lhe disse: "Só perseverando no ascetismo podem os jovens purificar-se. Tu te afastaste do caminho da purificação. Es impuro, mas te julgas puro".

Buda então lhe respondeu:

"Pratiquei o ascetismo visando obter a imortalidade e descobri a inutilidade de tudo isso. Como o remo de um barco que repousa em terra firme, o ascetismo não traz o menor proveito. Graças aos Preceitos, à Concentração e à Sabedoria, palmilhei o Caminho da Iluminação, alcançando agora a mais elevada pureza. Tu foste derrotado, ó Destruidor!"

Vendo-se vencido, Mara desapareceu.

(4,38)



56

Certa vez, Buda disse o seguinte a um brâmane conselheiro de um rei:

Outrora o rei Mahavisita decidiu realizar um grande sacrifício religioso, mas o brâmane, que era seu conselheiro, advertiu-o, dizendo que no reino havia muita matança e pilhagem, e que se o rei se dispusesse a recolher impostos em tal situação, estaria agindo contra a Lei. Observou também que não seria bom tentar eliminar o crime por meio de castigos e propôs o seguinte plano: o rei distribuiria sementes e alimentos aos que se aplicassem à agricultura e à criação, concederia crédito aos que se aplicassem ao comércio, ofereceria alimentos e rendas aos detentores de funções públicas. Se todos assim passassem a se dedicar integralmente às respectivas profissões, não perturbariam o reino e ainda acumulariam grandes riquezas para o rei. O reino ficaria então em paz e tranquilidade, não haveria desabores e as pessoas, tomadas de contentamento, fariam dan-

çar suas crianças ao colo, sem sequer se preocupar em fechar as portas das casas. Dizem que o rei seguiu os conselhos do brâmane e tudo ocorreu conforme previra."

(4,63)

57

O Semeador

Celebrava um rico brâmane um sacrifício de ação de graças pela sua colheita, quando o Buda lhe veio pedir de comer. Encolerizado, o brâmane bradou: "Melhor te seria trabalhar que mendigar, ó monge! Lavro e semeio, e, tendo lavrado e semeado, como. Se assim fizesses, terias também o que comer!"

Respondeu então o Buda: "Eu também lavro e semeio, ó brâmane!" Julgas-te então um lavrador?", replicou o outro; "onde estão teus bois? Onde estão tua semente e tua charra?"

O Bem-Aventurado respondeu: "A fé é o grão que semeio; as boas obras, a chuva que a fecunda; a sabedoria,

minha charrua; meu espírito, a rédea que guia; empunho o cabo da Lei; o zelo é o aguilhão de que me sirvo; o esforço é o meu boi de tiro. Minha lavra é feita para destruir as ervas daninhas da ilusão, e a safra que produz é a vida imortal do Nirvana, onde cessam todas as dores.”

(1,41)

58

Certa vez, alguns noviços se aproximaram de Buda e perguntaram-lhe a que preceitos deveriam obedecer. Então ele disse:

“Aqueles que desejam entrar na senda para ser fiéis discípulos de Buda devem observar quatro preceitos fundamentais: 1º: procurar boas companhias; 2º: entender a Lei; 3º: fortalecer a mente por meio da reflexão; 4º: praticar a virtude.

No entanto, quanto à norma de conduta, dou dez mandamentos, que são: 1º: não matar; 2º: não roubar; 3º: não falar mal dos outros; 4º:

não mentir; 5º: não comer fora das horas prefixadas e abster-se de bebidas alcoólicas; 6º: não assistir a bailes e espetáculos; 7º: abster-se de perfumes, ungüentos, adornos e grinaldas; 8º: não cobiçar nada de ninguém; 9º: evitar a moleza dos leitos macios e camas fofas; 10º: abster-se de receber esmolas em dinheiro.”

(7,101)

59

Certa ocasião, Buda estava no bosque de Jeta, junto à cidade de Saravasti. Um monge, de nome Malunkya, aproximou-se com ar preocupado. Ele se afligia com o fato de Buda jamais responder às seguintes questões, bastante discutidas na época:

— O mundo é finito ou infinito?

— Corpo e espírito são uma coisa só ou duas coisas separadas?

— Existe vida depois da morte?

Malunkya, que gostava de filosofia, estava bastante abor-

páginas seguintes: Aos 80 anos, Buda faleceu. A partir de então entraria no Nirvana, libertando-se do ciclo das reencarnações.
(arte greco-búdica do Gandara)



reido por Buda não tratar dessas questões e disse-lhe então:

— O Perfeito! Se não responderes às minhas dúvidas, deixarei a comunidade e voltarei à vida mundana.

Buda respondeu-lhe o seguinte:

— Malunkya: certa vez um homem foi ferido por uma seta envenenada. Os amigos correram a buscar um médico, mas o ferido disse que só consentiria que lhe extraíssem a seta e o tratasse depois de lhe explicarem quem atirara a seta, com que arco ela fora lançada, qual a sua forma, etc. Que terá acontecido a ele? Certamente há de ter morrido antes de ver esclarecidas suas dúvidas. Da mesma forma, Malunkya, respostas a perguntas acerca do caráter finito ou infinito do universo, da natureza da alma, etc. não nos libertam do sofrimento. Precisamos libertar-nos do sofrimento nesta mesma vida. Por isso, não te preocipes com as questões que não ensino. Preocupa-te com as que ensino, que são: a Existência do Sofrimento, a Origem do Sofrimento, a Ces-

sação do Sofrimento e o Caminho da Cessação do Sofrimento.

(4,44)

60

Certa vez, Buda explicou a seus discípulos a doutrina de causa e efeito, e eles disseram que a viam e compreendiam claramente. Então disse: — O *bhikkhus*, esse ensinamento que compreendeis de uma maneira tão pura e clara, se vos apegais a ele e o guardais como a um tesouro, então não compreendeis que o ensinamento é semelhante a uma jangada que é feita para um determinado fim, e não para ser continuamente carregada às costas. E assim, deu o seguinte exemplo: Um homem, viajando, chega à margem perigosa e assustadora de um rio de vasta extensão de água. Então vê que a outra margem é segura e livre de perigo. Pensa: “Esta extensão de água é vasta e esta margem é perigosa, aquela é segura e livre de perigo. Não há embarcação nem ponte com que eu possa atra-

90



vessar. Acho que seria bom juntar troncos, ramos e folhas e fazer uma jangada com a qual, impulsionada por minhas mãos e meus pés, passe com segurança à outra margem". Então esse homem executa o que imagina, utilizando-se de suas mãos e seus pés, e passa para a margem oposta sem perigo. Tendo alcançado a margem oposta, ele pensa: "Esta jangada me foi muito útil e me permitiu chegar a esta margem. Seria bom carregá-la à cabeça ou às costas onde quer que eu vá".

— Que pensais, *bhikkhus*? Procedendo dessa forma, esse homem agiria adequadamente em relação à jangada?

— Não, senhor! — responderam os *bhikkhus*.

— Como agitaria ele adequadamente em relação à jangada? Tendo atravessado para a outra margem, esse homem deveria pensar: "Esta jangada me foi de grande auxílio e graças a ela cheguei com segurança; agora seria bom que eu a abandonasse à sua sorte e seguisse o meu caminho livremente".

Assim, lembrou aos monges, contra um dogmatismo excessivo: "A doutrina se assemelha à jangada; deve ser considerada não como um fim, mas como um meio; da mesma forma, a jangada é um meio para se atravessar, não para se guardar".

(10,30)

61

Certa vez, um grupo de sábios brâmanes foi visitar Buda, com o qual teve uma longa discussão. Então um jovem brâmane chamado Kapatika perguntou ao mestre: "Venerável Gautama, as antigas e santas escrituras dos brâmanes foram transmitidas de geração em geração, mediante uma ininterrupta tradição verbal, através da qual os brâmanes chegaram à conclusão absoluta de que a única verdade seria a deles e qualquer outra seria falsa..."

Ouvindo isso, Buda perguntou:

— Entre os brâmanes haverá um só indivíduo que pre-



tenda pessoalmente saber e ter visto, por sua própria experiência, que "esta é a única verdade e qualquer outra coisa é falsa?"

— Não, senhor — respondeu o jovem com toda a franqueza.

— Então, haverá um só instrutor, ou instrutor de instrutores dos brâmanes, anterior à sétima geração, ou ao menos um dos autores originais dessas escrituras, que pretenda saber e ter visto, por sua própria experiência, que esta é a única verdade e que qualquer outra é falsa?

— Não, senhor.

— Então, é como uma fila de homens cegos; cada um se apoiando no precedente: o primeiro não vê, o do meio não vê e o último não vê tampouco. Por conseguinte, parece-me que a condição dos brâmanes é semelhante a essa fila de homens cegos.

Nessa ocasião, Buda deu a esse grupo de brâmanes um ensinamento de extrema importância: "Um homem que sustenta a verdade deve dizer: 'esta é a minha crença', mas

por causa disso não se deve tirar a conclusão absoluta e dizer: 'Só há esta verdade, qualquer outra é falsa'".

(10,25)

62

Buda explica por que se tornou monge:

"Ó monges! Antes de eu abandonar o mundo, levava uma vida muito feliz. Na casa onde nasci, havia um lago com magníficas flores-de-lótus. Meu quarto sempre recendia aos mais delicados perfumes e minhas roupas eram feitas do melhor tecido de Kashi. Além disso, eu tinha três vilas, uma para residir no inverno, uma para o verão e outra para a primavera. O verão chuvoso, eu o passava na residência de verão, entretido com cantos e danças, quase não saindo. Quando saía, sempre ia coberto por um guarda-sol branco. Além disso, ó monges, em outras residências é costume dar-se caldo aos servidores e comensais, mas na minha davasse-lhes carne.

Ó monges, refleti bastante enquanto levava essa vida.

Os ignorantes, embora fadados a envelhecer, não se lembram disso, e, ao ver pessoas idosas, desprezam-nas e abominam-nas, esquecendo-se de si próprios. Refletindo bem, eu próprio terei de envelhecer, não podendo escapar à decrepitude. Por isso, não é direito que despreze e abomine as pessoas de idade. Quando passei a pensar desse modo, ó monges, desapareceu todo o meu orgulho por minha juventude.

Além disso, os ignorantes, embora fadados a adoecer, não se lembram disso e, ao ver pessoas doentes, desprezam-nas e abominam-nas, esquecendo-se de si próprios. Refletindo bem, eu próprio não posso escapar à doença. Por isso, não é direito que despreze e abomine os doentes. Quando passei a pensar desse modo, ó monges, desapareceu todo o meu orgulho por minha saúde.

E ainda, os ignorantes, embora fadados a morrer, não se lembram disso e, ao ver a morte de alguém, sentem asco e repulsa, esquecendo-se de si pró-

prios. Refletindo bem, eu próprio terei de morrer. Por isso, não é direito que sinta asco e repulsa pela morte alheia. Quando passei a pensar desse modo, ó monges, desapareceu todo o meu orgulho por minha vida".

(4,37)

63

Certa vez, o Bem-Aventurado contou a seus monges a seguinte história:

"Houve uma vez um par de saltimbancos que fazia acrobacias numa vara de bambu. Um dia, disse o mestre-acrobata a seu aprendiz: 'Apóie-se nos meus ombros e suba na vara de bambu'. Assim que o aprendiz o fez, falou o mestre: 'Agora proteja-me bem que eu o protegerei. Protegendo-nos e vigiando-nos mutuamente, dessa forma, seremos capazes de mostrar nossa habilidade, teremos bom proveito e desceremos com segurança da vara de bambu.' 'Mas', disse o aprendiz, 'assim não, mestre. Vós, o mestre, deveis proteger-vos,

enquanto eu também protegerei a mim mesmo. Assim, cada um de nós protegendo e guardando a si mesmo, melhor desempenharemos nossas tarefas'.

O Buda, que passava, ouvindo o colóquio, disse:

— Assim é que está certo, é exatamente como diz o aprendiz: "Eu mesmo me protegerei. Protegendo-nos a nós mesmos, protegeremos os outros; protegendo os outros, protegeremos a nós mesmos".

— E como fazer para proteger a si mesmo e aos outros? Pela repetida e freqüente prática da meditação.

— E como fazer para proteger aos outros e a si mesmo? Pela paciência e pela indulgência, por uma vida pura e de não-violência, pela bondade e compaixão."

(10,110)

demente os poderes psíquicos. Certa vez, um marajá ofereceu uma rica taça de ouro incrustada de pedras preciosas ao homem que pudesse alcançá-la sem subir ao topo do bambu, onde estava pendurada. vieram muitos iogues, magos e faquires para tentar a prova. Em vão invocaram os seus poderes ocultos. Sabendo do que se passava, Devadata resolveu competir. Sentou-se no chão, perto do marajá, e concentrou toda a sua força mental. E o povo assombrado viu que Devadata, aos poucos, ia-se elevando ao ar. E, assim, levitando, conseguiu obter a taça sem subir no bambu. Contente com a façanha, Devadata foi procurar Gautama Buda e narrou-lhe o ocorrido. Buda sorriu e respondeu serenamente:

— De que valem esses poderes, meu filho? Nada significam para o teu progresso espiritual. São apenas demonstrações vãs.

64

Conta-se que, através das práticas da ioga, Devadata conseguira desenvolver gran-

Indignado, Devadata irritou-se com a resposta de Buda e abandonou-o. Foi para a cidade e começou a pregar contra ele. Mas este continuou se-

第十七回

南无金毛狮子

第六七日

藏文成王

宗義

五

第十八日

平正王

reno e deixou Devadata entregue ao seu próprio destino.

Certa tarde, quando Devadata caminhava pela floresta com um de seus discípulos, de repente caiu em areias moyediças. Apesar de toda a sua clarividência, não viu o perigo e, desesperado, começou a afundar. O discípulo correu para salvá-lo, mas nada conseguiu. E Devadata morreu, colhido pelas areias movediças.

(10,122)

65

Certa ocasião, Buda dirigiu-se à assembléia com as seguintes palavras:

"Ananda, desde tempos imemoriais, desde o começo da vida, todos os seres sensíveis sempre tiveram suas ilusões perturbadoras que se manifestaram no seu desenvolvimento natural, cada uma sob a força condicionada do seu próprio carma individual..."

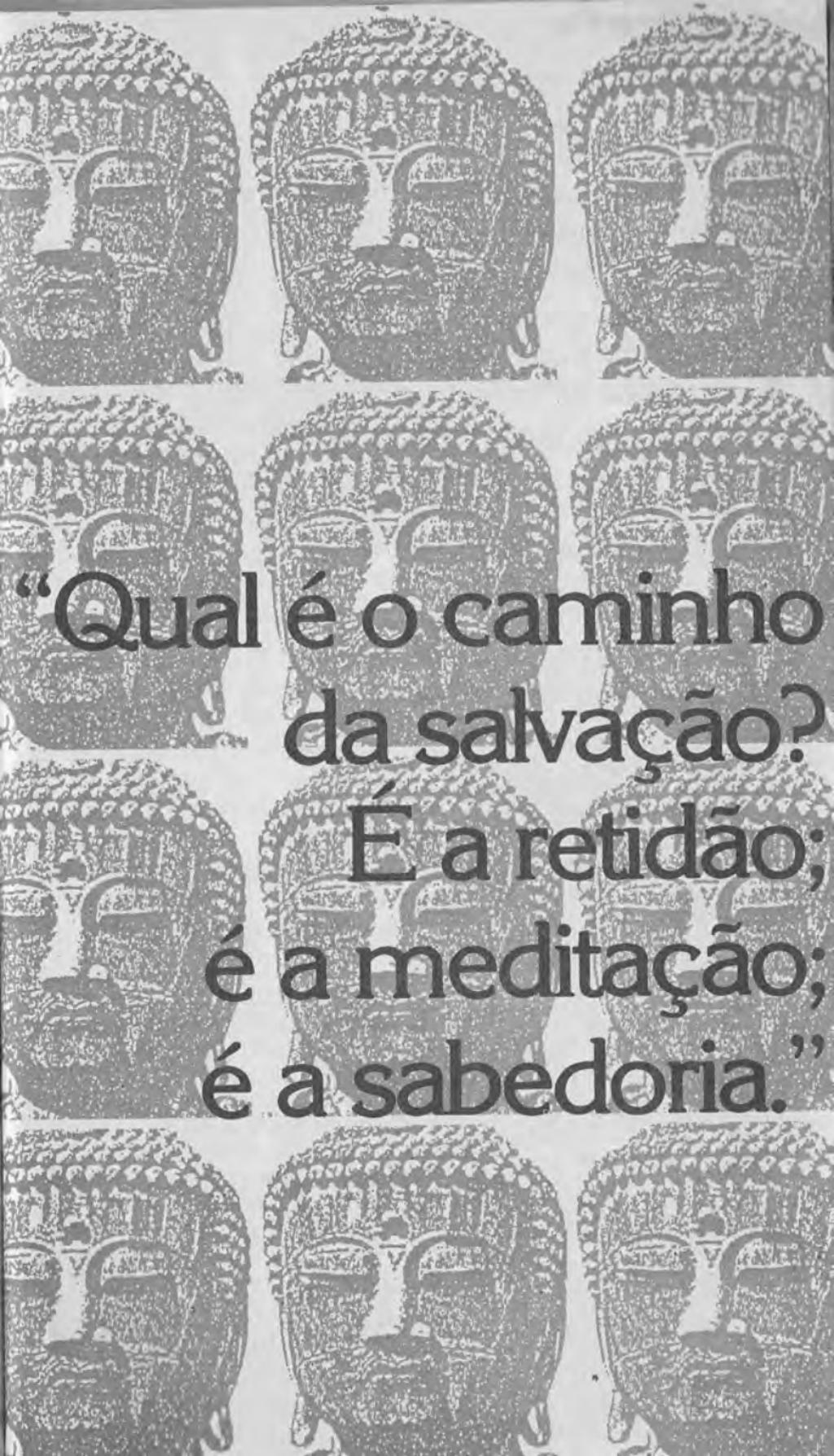
...A razão das grandes diferenças é que, não conhecendo os dois princípios básicos, a mente se torna confusa e começa a agir erradamente, co-

mo se procurasse cozinar iguarias fervendo pedras e areia.

A razão pela qual nem todos os discípulos devotados atingem a Iluminação Suprema, é porque eles não concebem os dois princípios primários.

Quais são esses dois princípios fundamentais, Ananda? O primeiro princípio fundamental é a causa primitiva da sucessão das mortes e renascimentos desde tempos imemoriais (é o princípio da ignorância, o princípio extremo da individualização, manifestação, sucessão, discriminação). Partindo desse princípio, resultam as diversas diferenciações da mente de todos os seres vivos, que confundem suas mentes limitadas, perturbadas e poluídas, com a verdadeira Essência da Mente (incondicionada).

O segundo Princípio Fundamental é a causa primitiva da pura unidade da Iluminação ou Nirvana, que existe desde o princípio da vida (é o Princípio da compaixão integrada,



**“Qual é o caminho
da salvação?
É a retidão;
é a meditação;
é a sabedoria.”**

*"O verdadeiro sábio
não é guiado por
outrem, não se
apega a nenhuma
opinião sobre as
diferentes doutrinas;
ele está além de
qualquer disputa".*

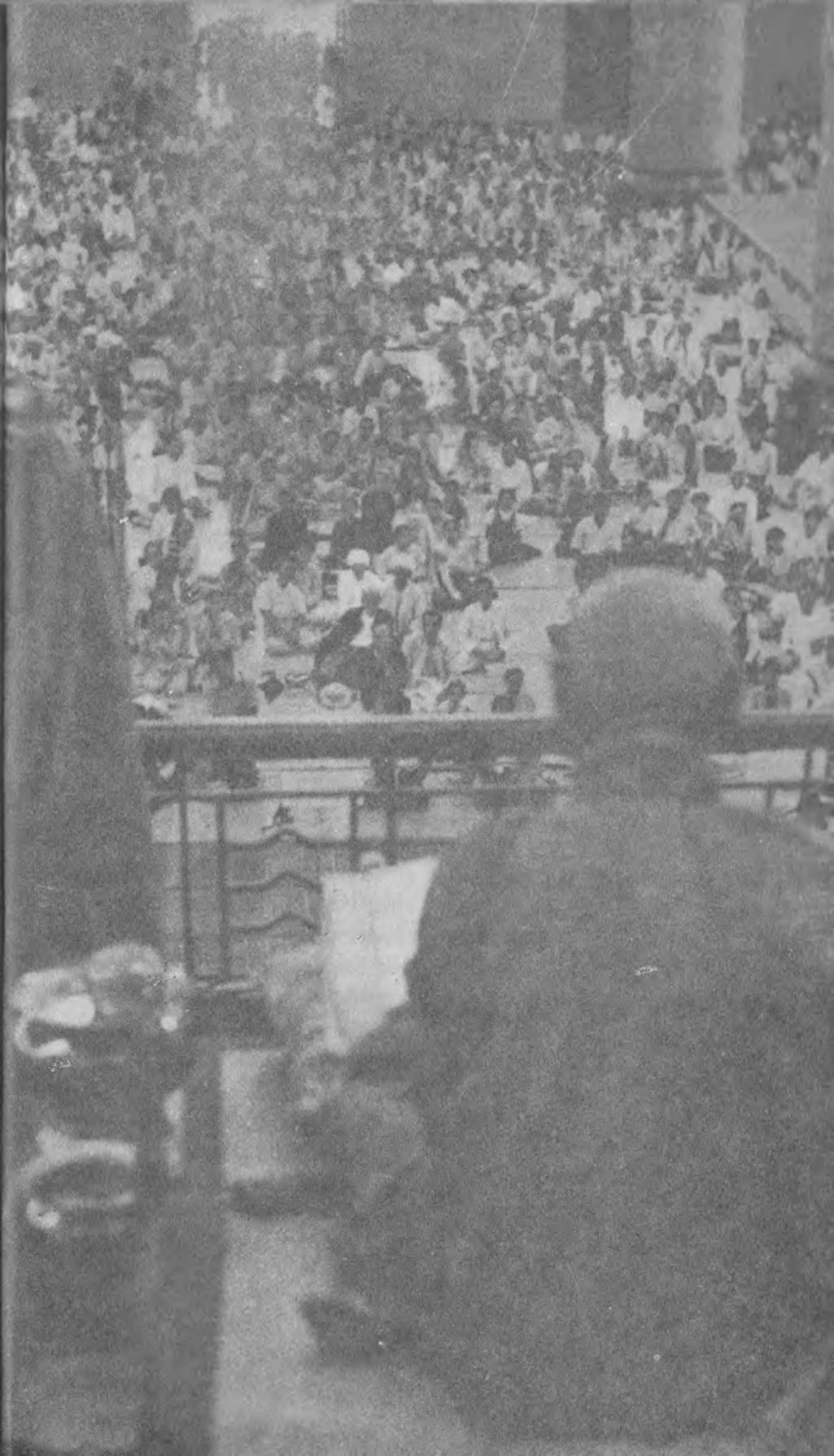


o recolhimento, o princípio unificador da pureza, harmonia, semelhança, ritmo e paz). Pela indução desse princípio, dentro do esplendor de sua própria natureza, a mente unificadora pode ser descoberta, desenvolvida e realizada sob

todas as variedades e condições. A razão de essa mente purificadora perder-se tão rapidamente entre as condições é porque, rapidamente, tu te esqueces do esplendor e da pureza de tua própria Natureza Essencial e, entre as atividades diárias, deixas de imaginar a tua verdadeira existência. Eis aí, Ananda, os motivos por que tu e todos os outros seres vivos, através da ignorância, chegaram ao infortúnio e a outros estados diferentes de existência.

Agora, Ananda, tu desejas conhecer o verdadeiro caminho que conduz à *Samapatti**, de modo a evitar o ciclo das mortes e dos renascimentos. Não é assim, Ananda? Então, permite-me algumas perguntas mais. O mestre Tathagata levantou um dos braços, com a mão crispada e disse:

* *Samapatti* significa aquele que consegue alcançar, no estado meditativo, os oito logramentos incluídos nos quatro *Jhanas* ou *Dnyanas*: a esfera do espaço infinito, a esfera da infinita consciência, a esfera do vazio, a esfera de nem consciência nem não-consciência, o logramento que precede o transe e o próprio transe de cessação de qualquer percepção ou sensação.



— Ananda, estás vendo isso aqui?

— Sim, mestre, estou vendo o mestre com um braço levantado, a mão cerrada, cujo brilho cega meus olhos e aquece meu coração.

— Com que vês, Ananda?

— Com os olhos, certamente.

Então Buda disse:

— Muito bem. Agora eu pergunto: enquanto meu punho brilha e enquanto olhas para ele fixamente, o que é que revela a existência de tua mente?

Ananda respondeu:

— Estais agora indagando de mim acerca da existência de minha mente. Para responder a essa pergunta devo usar das faculdades do pensamento e do raciocínio, a fim de procurar achar a resposta. Sim, agora comprehendo. Esta ação de pensar e raciocinar é o que chamamos “minha mente”.

O mestre Buda censurou Ananda suavemente:

— Dizer que o teu ser é a tua mente não tem sentido.

Ananda levantou-se e, de mãos postas, disse, cheio de espanto:

— Ora, mestre, se o meu ser não é a minha mente, então o que mais pode ser a minha mente?

Buda respondeu:

— A noção de que o teu ser é a tua mente é simplesmente uma das falsas concepções que nascem da reflexão acerca das tuas próprias relações com os objetos externos que ofusciam a Verdadeira Mente Essencial. Desde os tempos mais remotos até a presente vida, tens estado constantemente confundindo a tua verdadeira Mente Essencial. É como se estivesses cuidando de um pequeno ladrão, como se fosse um filho, e, agindo assim, perdeste a consciência da mente permanente e original e, por isso, tens sido forçado a suportar os sofrimentos das mortes e renascimentos sucessivos...

“... Ananda, e todos os meus discípulos! Eu sempre vos ensinei que todos os fenômenos e seus desenvolvimentos, todas as causas e efeitos

do grande universo até a fina poeira apenas vista ao sol, só têm uma existência aparente por meio da mente discriminadora.

"A razão pela qual todo ser deixa de alcançar a Luz e a condição de Buda é o desvio para as falsas concepções relativas aos fenômenos e objetos que poluem suas mentes."

(10,218)

66

Monges, imaginai um homem aterrorizado por quatro serpentes de veneno mortal, aterrorizado por cinco inimigos que matam, aterrorizado por um sexto assassino, um ladrão; aterrorizado pelos bandidos que saqueiam as aldeias mesmo abandonadas — ele se precipitaria para aqui e para ali. Ele poderia ver uma vasta extensão de água; a margem de cá repleta de perigos e terrores; a margem de lá segura e sem terrores; mas nenhum barco para transpô-lo, nenhuma ponte para atravessar do não-além para o além. Vendo

isso, ele pensaria: "Se eu reunisse erva, gravetos, ramos, folhagem, se eu construísse uma balsa, se eu fosse para lá com segurança, agitando braços e pernas, e me fiando em minha balsa?"

Ele então age assim — passa para o lado de lá e atinge a terra firme.

Eu vos dei esta comparação, ó monges, para tornar mais claro o que quero dizer — e eis o que quero dizer:

— As quatro serpentes de veneno mortal, ó monges, são os quatro grandes elementos: o elemento terra, o elemento ar, o elemento água e o elemento fogo.

Os cinco inimigos que matam são as cinco partes componentes do apetite: o apetite para as coisas materiais, para as sensações, para a percepção e para a consciência.

O sexto, o ladrão assassino, ó monges, é a fascinação das paixões.

A aldeia abandonada, ó monges, são as seis esferas (dos sentidos) subjetivas. Um ser sábio, prevenido, inteligente, por pouco que examine

uma delas com seus olhos, a reconhecerá vazia, desertada, oca. Da mesma maneira, se ele examinar as outras por seu nariz, sua orelha, sua língua, seu corpo, seu espírito, ele as reconhecerá vazias, desertadas, ocas.

Os bandidos que saqueiam as aldeias, ó monges, são as seis esferas dos sentidos objetivos. O olho se encontra destruído diante das formas que são deliciosas e não deliciosas; a orelha, diante dos sons, o nariz diante dos odores, a língua diante dos sabores, o corpo diante dos contatos; e o espírito se acha destruído diante dos estados mentais que são deliciosos e não deliciosos.

A vasta extensão de água, ó monges, são as quatro torrentes, a torrente dos prazeres sensuais, a torrente do porvir, a torrente das opiniões, a torrente da ignorância.

A margem do lado de cá é o terror, ó monges, é o mundo corpóreo.

A margem do lado de lá, segura e sem terrores, é o Nirvana.

A balsa, ó monges, é o Caminho dos Oito Ramos.

Agitar braços e pernas, ó monges, é despertar energia.

Ele passou, partiu para o lado de lá; o brâmane está em terra firme; é a imagem do Perfeito.

(3,208)

67

O grão de mostarda

Um opulento comerciante ficara profundamente aflito ao verificar, um dia, que todas as suas moedas e barras de ouro haviam se transformado em carvão, da noite para o dia, e recolhera-se ao leito sem mais querer alimentar-se, pois preferia a morte à indigência.

Um amigo seu, informado do acontecido, foi visitá-lo e, ao ouvir-lhe a causa de seu sofrimento, ponderou-lhe:

— Teu ouro transformou-se em carvão porque não aplicaste bem tua riqueza. O ouro avaramente acumulado não vale mais do que o carvão. Mas ouve um conselho: esten-



de teus tapetes no bazar, põe-lhes em cima o carvão e vende-o.

O mercador seguiu o conselho de seu amigo, e quando os vizinhos lhe perguntaram por que vendia carvão, respondia:

— É a única coisa que posso.

Algum tempo depois, uma jovem órfã e pobre, chamada Krisha Gotami, passou pelo bazar do mercador e lhe perguntou:

— Meu senhor; vendes também estes montões de ouro?

O mercador respondeu-lhe:

— De que ouro falas? Onde está?

Krishna Gotami pegou uns pedaços de carvão, que na vista do mercador se transformaram em ouro.

O mercador supôs que Krishna Gotami possuísse clarividência mental, e a casou com seu filho, pensando consigo mesmo: "Para muitas pessoas o ouro não vale mais que o carvão; mas Krishna Gotami transmuta o carvão em ouro".

Krishna Gotami teve um filho e este morreu. Transida de

dor, ia com o filho morto de casa em casa, pedindo um remédio, e as pessoas diziam: "Está doida; a criança está morta".

Finalmente, Krishna Gotami encontrou um camponês que respondeu sua súplica dizendo:

— Não posso dar um remédio para a criança, porém sei de um médico capaz de o dar.

E Krishna Gotami respondeu:

— Suplico-te que me digas quem é.

— Vai ver o Buda.

Krishna Gotami foi ver o senhor Buda e exclamou, chorando:

— Senhor meu e mestre. Meu filho estava brincando entre as flores e tropeçou numa serpente que se enroscou no seu braço. Ficou logo pálido e silencioso. Não posso aceitar que ele deixe de brincar ou que deixe o meu colo. Senhor meu mestre, dá-me um remédio que cure o meu filho.

O senhor Buda respondeu-lhe:

— Sim, irmãzinha, há uma coisa que pode curar teu filho

e a ti, se puderes consegui-la, porque os que consultam os médicos tomam o que lhes é receitado.

"Procura uma simples semente de mostarda preta, porém só a deves receber de uma casa onde nunca tenha entrado a morte, onde não tenha ainda morrido pai, mãe, filho nem filha, nem irmão, nem irmã, nem escravo nem parente."

Aflita, Krisha Gotami foi de casa em casa pedindo o grão de mostarda. As pessoas se compadeciam dela e lhe davam, porém, quando ela perguntava se já tinha morrido alguém naquela casa, lhe respondiam:

— Ah! Poucos são os vivos e muitos os mortos. Não despertes nossa dor.

Agradecida, ela lhes devolvia a mostarda e dirigia-se a outros que lhe diziam:

— Aqui está a semente, porém já morreu nosso escravo.

— Aqui está a semente, porém o semeador morreu entre a estação chuvosa e a colheita.

E não encontrou nenhuma casa onde não tivesse morrido alguém.

Krishna Gotami voltou chorosa para o senhor Buda, dizendo-lhe:

— Ah! senhor, não pude encontrar mostarda em casa onde não tivesse havido morte. Então, entre as flores silvestres, na margem do rio, deixei meu filho que não queria mamá nem sorrir, e volto para ver teu rosto e beijar teus pés. suplicando-te que me digas onde encontrar essa semente, sem deparar ao mesmo tempo com a morte, pois, apesar de tudo, não posso crer na morte de meu filho, como todos me disseram e temo tenha acontecido.

O mestre respondeu-lhe:

— Minha irmã, procurando o que não podes achar, achaste o amargo bálsamo que eu queria dar-te.

"Sobre teu seio, o ser que amas dormiu hoje o sono da morte. Agora já sabes que todo mundo chora uma dor semelhante à tua. O sofrimento que aflige todos os corações pesa menos do que se concentrado num só.

“Escuta! Derramar eu meu sangue se, ao derramá-lo,

pudesse deter tuas lágrimas e descobrir o segredo de o amor causar angústia e através de prados floridos conduzir-nos ao sacrifício, qual mudos animais conduzidos por seus donos.

"Nenhum nascido pode evitar a morte. Assim como os frutos maduros caem da árvore, assim os mortais estão expostos à morte desde que nascem. A vida corporal do homem acaba partindo-se como a vasilha de barro do oleiro. Jovens e adultos, néscios e sábios, todos estão sujeitos à morte.

"Porém, o sábio que conhece a Lei não se perturba, porque nem pelo pranto nem pelo desânimo obtém a paz, mas, pelo contrário, avivam as dores e os sofrimentos do corpo. A morte não faz caso de lamentações.

"Morre o homem, e seu destino está determinado por suas ações. Embora viva dez ou cem anos, acaba o homem por separar-se de seus parentes ao sair deste mundo.

"Quem deseja a paz da alma, deve arrancar de sua feri-

da a flecha do desgosto, da queixa, da lamentação.

"Feliz será aquele que consegue vencer a dor.

"Sepulta tu mesma o teu filho."

Extenuada pela dor, Krishna Gotami sentou-se à beira do caminho, pôs-se a meditar no silêncio do entardecer e disse consigo:

"Quão egoísta sou eu em minha dor! A morte é o destino comum de tudo quanto vive. Porém, neste vale desolado há um caminho que conduz à imortalidade — aquele que elimina de si todo egoísmo".

E sufocando o amor egoísta que sofria por seu filho, enterrou-o no bosque. E foi logo refugiar-se no senhor Buda, e encontrou consolo no *dharma* que alivia o coração dilacerado pela dor

(7,150)

Desde o seu nascimento, o Buda possuía diversas marcas gravadas sobre os pés, como sinal de predestinação. Entre elas, encontramos o símbolo da *Roda da Vida*.

